



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

YURY ARAÚJO DE LIMA

**A INFLUÊNCIA DA REESTRUTURAÇÃO DO CENTRO DE CAMPINA
GRANDE NA CONSTRUÇÃO DO SEU ESPAÇO TURÍSTICO**

CAMPINA GRANDE - PB

2017

YURY ARAÚJO DE LIMA

**A INFLUÊNCIA DA REESTRUTURAÇÃO DO CENTRO DE CAMPINA
GRANDE NA CONSTRUÇÃO DO SEU ESPAÇO TURÍSTICO**

**Trabalho de Conclusão Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Centro de Humanidades da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Geografia.**

Orientador: Professor Dr. Xisto Serafim Santana de Souza Júnior.

CAMPINA GRANDE - PB

2017



L732i Lima, Yuri Araújo de.

A influência da reestruturação do centro de Campina Grande na construção de seu espaço turístico. / Yuri Araújo de Lima. - 2017.

69 f.

Orientador: Prof. Dr. Xisto Serafim Santana de Souza Júnior.

Trabalho de Conclusão de Curso - Monografia (Curso de Licenciatura em Geografia) - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Humanidades.

1. Geografia do turismo. 2. Campina Grande - PB - espaço central. 3. Centro de Campina Grande - PB. 4. Turismo - Campina Grande - PB. 5. Geografia urbana. 6. Espaços urbanos. 7. Geografia urbana. 8. Fotos - Campina Grande - antigas - centro. I. Souza Júnior, Xisto Serafim Santana de. II. Título.

CDU:911(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

YURY ARAÚJO DE LIMA

**A INFLUÊNCIA DA REESTRUTURAÇÃO DO CENTRO DE CAMPINA
GRANDE NA CONSTRUÇÃO DO SEU ESPAÇO TURÍSTICO**

**Trabalho de Conclusão Curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Geografia do Centro de Humanidades da
Universidade Federal de Campina
Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em
Geografia.**

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Xisto Serafim Santana de Souza Júnior.
Orientadora – UAG/CH/UFCG**

**Professora Dra. Nirvana Lígia Albino Rafael de Sá.
Examinadora I – Instituto de Educação Superior da Paraíba - IESP**

**Mestra Sâmara Iris de Lima Santos
Examinadora II – Mestra em Geografia pela UFPB**

Trabalho aprovado em: 2017.

CAMPINA GRANDE - PB

Dedico este trabalho ao Senhor Deus, autor da vida e dono de todo conhecimento, digno de toda honra e toda glória, e, a todos os meus familiares, em especial a minha avó, Antonieta (in memoriam), aos meus pais, Marcelo e Viviane, e irmãos, Daniella, Dávilla e Ygor.

AGRADECIMENTOS

Motivado pelo desejo de estudar e de buscar o conhecimento científico, a Geografia tornou-se em minha vida, o principal motivo de alcançar tal sonho, e o alcancei. Se durante essa trajetória acadêmica, fui confrontando pelas diversas barreiras, dificuldades, medos e incertezas, além de inúmeras conquistas e bons momentos de alegria, estes mais relevantes para mim, ao concluir hoje, a graduação, minha palavra é de gratidão.

Agradeço a Deus por sua abundante graça e misericórdia que nos é manifestada a cada dia, ao levantarmos pela manhã. Pelas suas imerecidas bênçãos que nos agradam enquanto filhos amados, pela fé em Jesus que me foi dada como dom (Efésios 2:8), e pelo Espírito Santo, como pessoa que me motivava e motiva em ânimo a buscar ao Senhor e os objetivos de vida.

Ao meu orientador, professor Xisto Souza Júnior, por sempre motivar através da sua forma de nos mostrar essa ciência, e com isso despertar o interesse pelos estudos geográficos. Pelas oportunidades e responsabilidades que me foram dadas, tendo como frutos, em primeiro lugar, a amizade, a conclusão de uma iniciação científica, os diversos trabalhos publicados, e, acima de tudo, a compreensão e paciência necessárias, mediante minhas limitações.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Tecnológico e Científico – CNPq pela concessão da bolsa de Iniciação Científica, nos anos de 2015 a 2016, assim como a Universidade Federal de Campina Grande – UFCG pelas oportunidades concedidas para a participação de eventos e no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC, como também no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID.

Agradeço aos órgãos, departamentos e pessoas que me forneceram e me ajudaram concedendo informações necessárias para os trabalhos acadêmicos, ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a Prefeitura municipal de Campina Grande, e todas as pessoas que gastaram um pouco do seu tempo para contribuir nos meus trabalhos.

A todos os professores que contribuíram para a minha formação, aos da Unidade Acadêmica de Geografia (Martha Priscila, Sônia, Thiago, Janaína, Angélica, Rebeca, Débora, Zenon, Sérgio Murilo, Sérgio Malta, Kátia, Luís Eugênio, Caline, e Lincoln), da Unidade Acadêmica de Educação (Larissa, Gorete e Antônio Bertho - In memoriam), da

Unidade Acadêmica de Letras (Karine) e da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais (Verena).

A todos os funcionários da UFCG, aos auxiliares de limpeza, porteiros, seguranças e demais técnicos administrativos, que são pessoas fundamentais para o funcionamento desta instituição.

Sou grato aos meus colegas da turma 2013.1 (Ana Paula, Maria Auxiliadora, Ana Alcântara, Cleilton, Iranildo, Ronaldo, Taís, Epídio, Maria do Socorro, Macielle, Geová, Jéssika, Diogo, Amanda, Jaqueline, Jônatas Faryd) por todos os momentos de alegria e compartilhamento de conhecimentos ali produzidos, que redundaram em nossa formação científica, ética e profissional.

Sou grato aos atuais e ex-integrantes do Grupo de Pesquisas em Desenvolvimento Socio-territorial – GIDS, umas das minhas casas nessa trajetória dentro da UFCG, além dos integrantes do Grupo de Pesquisa em Geografia para Promoção da Saúde – PRÓ-SAÚDE GEO, sou grato pelas conversas, trabalhos de campo, viagens, reuniões, minicursos e pelas inúmeras ajudas, e também pelos risos compartilhados. Em especial, Jordânia, Marcicleide, Kátia, por serem tão acolhedoras.

A minha querida professora Geógrafa Levina Farias, por me motivar no Ensino a Médio a buscar e me fazer ver a Geografia, enquanto uma ciência incrível.

A todos os meus amigos e irmãos da igreja, em especial, Jorge Luís, Leandro e Janaína, por terem sido e ainda serem líderes em Cristo para minha vida.

À minha banca, Nirvana Lígia, Sâmara Íris, por contribuírem com minha pesquisa, através de suas avaliações.

Agradeço a Mamãe – Viviane e a Papai – Marcelo, por todos os bons ensinamentos que carrego sobre a minha vida, por terem lutado por mim, quando pensaram que eu não iria sobreviver ao nascer, vocês sabem bem do que eu falo. Por todo o apoio financeiro, moral, materno e paterno, e por acreditar que eu chegaria até onde estou. Palavras não são suficientes pra expressar tudo o que sinto.

A minha irmã “Dan”, por ser a mais velha e por se identificar tanto comigo, a meu irmão Ygor pelo companheirismo, e a minha irmã Maria Dávilla, me preocupo tanto com ela. Que cresçamos na união que nos foi ensinada por nossos pais.

Aos meus tios, Kendy, Dinho, Nate e Tita por sempre se preocuparem comigo, pelas estadias em suas casas, pela amizade, pelo amor de família que nós temos, por tudo o que fizeram por mim. Aos meus primos pela convivência e pela união que existe entre nós, especialmente a minha prima Rayane que pelas sua forma divertida de ser, me fez bem nos momentos difíceis.

Por minha Avó, Antonieta (in memorian), ela sabia o quanto eu a amava. Por ter me motivado a ir buscar meus objetivos, pelos 22 anos de convivência, de ensino, de puxões de orelha. Pelas palavras de motivação, por ter sido tão sábia na maneira de me instruir. E ainda mais, porque esse sonho que hoje se concretiza, ser um desejo imenso pra ela em relação a minha vida. Quantas saudades, Mainha.

A Mayara Macêdo, que durante esses quatro anos, esteve ao meu lado sempre, me motivando a seguir em frente, enxugando as lágrimas de preocupação que caíram do meu rosto, por tudo o que fez e têm feito pela minha vida. Sou grato.

Por fim, agradeço a amigos e familiares, que estão guardados em minha mente e coração, e que de forma direta ou indireta contribuíram pela concretização deste trabalho que indica o fim de mais uma etapa. A todos, o meu muitíssimo obrigado!

RESUMO

O turismo apresenta-se como uma atividade que carrega em si a apropriação dos lugares, e conseqüentemente a busca por investimentos que modifiquem e reestrutrem os espaços selecionados para a sua reprodução. Com isso, é perceptível as diversas alterações que espaços urbanos têm sofrido para que se tornem aptos a realização desse tipo de atividade. Assim, o presente trabalho monográfico surge com o desdobramento das experiências obtidas através do contato ao conhecimento da ciência geográfica, e, sua relação com o turismo. Logo, no trabalho aqui apresentado, objetivamos compreender como o centro da cidade de Campina Grande tem sido adaptado para o uso do turismo, tanto nos processos de reestruturação, quanto na implementação de políticas públicas que favoreçam sua utilização, a exemplo, a implantação do sistema jardineiras de transporte turístico, como resultado de pesquisa de Iniciação Científica, obtida no de 2016. O aporte metodológico baseou-se nas técnicas de análise qualitativa, sendo estas: visita *in loco* aos pontos turísticos do centro de Campina Grande, pesquisas bibliográficas e a realização de um inventário turístico realizado por estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. Com resultados obtidos, percebemos o potencial turístico que o centro da cidade dispõe, mas, que ainda carece de investimentos efetivos para sua consolidação, a exemplo, da sinalização dos lugares e a criação de um banco de informações turísticas.

Palavras-chave: Geografia do Turismo, Espaço Central, Campina Grande;

ABSTRACT

Tourism is an activity that carries in itself the appropriation of places, and therefore the search for investments that modify and restructure the selected spaces for your playlist. With this, it is apparent the various changes that urban areas have undergone to become eligible, the realization of these type of activity. Thus, the present work comes with the unfolding of a monographic experiences obtained through contact to the knowledge of geographic science and your relationship with tourism. The work presented here, aim to understand how the center of the city of Campina Grande has been adapted for the use of tourism, both in restructuring processes, and implementation of public policies that favor your use, for example, the deployment of the system, such as tourist transports gardeners system search result of scientific initiation, obtained in the year 2016. The methodological contribution was based on qualitative analysis techniques, these being: on-the-spot visit to the sights of downtown Campina Grande, bibliographic research and the realization of a tourist inventory carried out by students of the Geography course at the Federal University of Campina Grande. With the results obtained, we saw the tourism potential that the center of the city has, but which still lacks effective investments for your consolidation, example, signaling of the places and the creation of a bank of tourist information.

Keywords: Touristic Geography, Central Space , Campina Grande;

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Bairro Centro - Cidade de Campina Grande.....	28
Mapa 2- Estado da Paraíba: Conexão entre João Pessoa e Campina Grande.....	30
Mapa 3- Roteiro intraurbano – Ônibus Jardineira.....	47
Mapa 4: Pontos Turísticos: Centro de Campina Grande.....	51

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tipologias do Espaço turístico (adaptado).....	55
Figura 2: Tag para leitura de Realidade Aumentada.....	59

LISTA DE FOTOS

FOTO 1: Antiga igreja do Rosário	32
FOTO 2 e 3: AV. Marechal Floriano Peixoto, ontem e hoje.....	32
FOTO 4 e 5: Açude Velho - 1940 (à esquerda) e hoje – 2014 I.....	33
FOTO 6 e 7: Parque do povo em construção (à esquerda) e hoje (à direita).....	34
FOTO 8 e 9: Açude Novo na década de 1939 (à esquerda) e 2017 (à direita).....	34
FOTO 10 e 11: Feira Central na década de 1960 (à esquerda) e 2015 (à direita).....	35
FOTO 12: Praça da Bandeira.....	52
FOTO 13: Clementino Procópio.....	52
FOTO 14. Museu Hist. Geográf.....	52
FOTO 15: Igreja Matriz.....	52
FOTO 16: Monumento dos Tropeiros.....	52
FOTO 17: Estação Velha.....	52
FOTO 18: Açude Velho.....	52
FOTO 19: Açude Novo.....	52
FOTO 20: Rodoviária Antiga.....	53
FOTO 21: Parque da Criança.....	53
FOTO 22: Largo das Boninas.....	53
FOTO 23: MAPP.....	53
FOTO 24: Monumento Jackson do Pandeiro de Luiz Gonzaga.....	53
FOTO 25: Parque do Povo.	53
FOTO 26: Teatro Municipal Severino Cabral.....	53
FOTO 27: Placa de sinalização no Açude Velho.....	57
FOTO 28: Estação velha em RA.....	60

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Elaborado com base nas falas obtidas em entrevista realizada.....	42
Quadro 2: Levantamento histórico-geográfico dos pontos turísticos do centro de Campina Grande.....	43
Quadro 3: Fotografias dos pontos turísticos.....	53
Quadro 4: Classificação adaptada de BOULLÓN (2002), pontos turísticos do centro de Campina Grande.....	54

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	67
Apêndice 2- Ficha de Inventário Turístico.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAPP – Museu de Arte Popular da Paraíba
OMT – Organização Mundial do Turismo
ONU – Organização das Nações Unidas
RA – Realidade Aumentada
STTP - Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos de Campina Grande
USP- Universidade de São Paulo

SÚMARIO

Introdução	13
1- O espaço turístico do Centro de Campina Grande: iniciando o debate sobre as bases teóricas de sua estruturação	16
2- A formação sócioespacial do Centro de Campina Grande e sua influência na Identidade urbana	25
2.1 Campina Grande e suas reminiscências.....	26
2.2 Os monumentos, prédios e objetos de Campina Grande, historicidade e apropriação pelo indivíduo, o turismo como potencializador.....	31
3- A reestruturação do centro e as perspectivas para produção do espaço turístico de Campina Grande	36
3.1 A Ficha de Inventário Turístico: Metodologia para a verificação do olhar do pesquisador em relação ao objeto.	38
3.2 A adoção do “sistema jardineiras” como alternativa ao turismo em Campina Grande.....	41
3.3 Análise do espaço turístico no centro de Campina Grande a partir do Inventário Turístico....	50
Considerações Finais	62
Referências Bibliográficas	64
Apêndice	66

INTRODUÇÃO

O Turismo tornou-se uma das atividades que cresceram em todo o mundo. Dotado de características singulares na sua forma de se compor, destacou-se nos locais em que é posto como elemento de divulgação e propagação de espaços produzidos e reestruturados para este fim.

Tida como sinônimo de desenvolvimento (DIAS, 2007), a atividade turística é destaque na Organização das Nações Unidas – ONU, órgão mundial que tem como característica o controle e o gerenciamento das atividades humanas em todos os âmbitos sociais, com tal objetivo, desenvolve pesquisa para a melhor gestão do turismo realizado em todo o mundo, com um departamento voltado totalmente para a sistematização, além do gerenciamento das formas em que essa atividade é desenvolvida, a Organização Mundial do Turismo (OMT), tem a missão, “[...] de promover o turismo como motor de crescimento econômico, o desenvolvimento inclusivo e a sustentabilidade ambiental, oferecendo liderança e apoio ao setor de avanços políticos para o conhecimento do turismo a nível mundial (OMT, 2016)”.

Por estar intimamente interligada com o espaço em sua conjuntura total (urbano ou rural), a atividade turística atribui novos valores, novas dinâmicas, novas formas de promoção, novas caracterizações e novas manifestações em sua maneira de se articular. Dentro dessa perspectiva, podemos visualizar pela ótica geográfica toda as engrenagens envolvidas na efetuação da atividade turística.

Para a Geografia, o turismo envereda por rumos que se tornaram parte dos estudos que alicerçam esta ciência, principalmente o conhecimento do meio físico da Terra, além das interações exercidas pelos seres humanos, que estão sempre a modificar e construir o espaço. Ainda que os ensaios geográficos sobre o tema estejam em consolidação, já possuímos uma relevante base teórica que nos dê fundamento para inserir os estudos dessa temática dentro do mundo geográfico, a exemplo, a incorporação das categorias de análise do espaço (lugar, território e paisagem), na decodificação da dinâmica turística, que já tem estabelecido através de estudiosos da Geografia, como as contribuições de Eduardo Yazigi e Adyr Rodrigues, ambos constituintes do centro acadêmico de Geografia da Universidade de São Paulo – USP

Ao ter contato com a disciplina Geografia do Turismo, além participação no Programa de Bolsa de Iniciação Científica com temática voltada ao Turismo explorado pela ciência geográfica e participação no projeto do CNPq: "Conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento para o Estado da Paraíba" (edital universal 14/2013, processo 472964/2013-5), pude adquirir experiências que me deram base e o conseqüente interesse para a elaboração deste trabalho. Foi com base nessas experiências que nos motivamos ao desenvolvimento desta pesquisa monográfica a qual tem por objetivo averiguar a produção do espaço turístico da cidade de Campina Grande, no que concerne as suas modificações, estruturações e características referentes a sua área central, ponto que agrega em si, monumentos, objetos e elementos apropriados pela atividade turística.

Para atingir os objetivos realizamos um resgate histórico da formação sócio espacial do centro de Campina Grande, fundamentando numa contextualização teórica para o entendimento dos conceitos aqui trabalhados e fundamentados em uma atividade de campo na qual realizamos um inventário turístico para interpretação da Paisagem do centro da cidade e suas estruturas para o uso turístico.

Diante desse cenário, a pesquisa monográfica apresentada, busca debater a produção do espaço turístico de Campina Grande, além de trazer contribuições científicas geográficas para o planejamento e gestão do que o centro da cidade possui para utilização e apropriação do turismo como também aprofundar nos debates teóricos acerca da produção sócio espacial resultante da atividade turística.

Além da Introdução e Considerações finais, o texto está dividido em três capítulos. No primeiro ("O espaço turístico do Centro de Campina Grande: iniciando o debate sobre as bases teóricas de sua estruturação"), traz em si um resgate teórico acerca do que se configura como espaço e como este pode ser estudado através das diversas teorias que se concentram e entender sua conjuntura, fazendo uma ponte de relação com a produção do espaço turístico.

No segundo capítulo ("A formação sócio espacial do Centro de Campina Grande e sua influência na identidade urbana") realizamos um resgate histórico de origem do surgimento da cidade de Campina Grande, abordando, todos os elementos, objetos e monumentos que a cidade possui, os quais são utilizados para a atividade turística, correlacionando com sua atuação, estrutura e modificações que sugerem suas transformações espaciais urbanas, principalmente no centro da cidade, objeto de estudo desse trabalho.

Para o terceiro e último capítulo (“A reestruturação do centro e as perspectivas para produção do espaço turístico de Campina Grande”), traz a sugestão de implementação sistema jardineiras como forma de conectar os pontos turísticos do centro da cidade, e ainda, as conclusões do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa, o trabalho de campo para o preenchimento do inventário turístico. Baseado numa metodologia qualitativa, tem como principal objetivo, verificar através do olhar do pesquisador e sua percepção espacial, como se estrutura e como de forma real se encontra o processo de construção e apropriação do espaço turístico central campinense.

Com os resultados obtidos, esperamos que esse trabalho possa contribuir no arcabouço da ciência geográfica e por consequência a comunidade acadêmica, como também a sociedade civil em sua forma de apropriar-se dos conhecimentos construídos para o melhor entendimento do centro de Campina Grande e consequentemente seu melhor planejamento para a atividade turística.

CAPÍTULO 1

O espaço turístico do Centro de Campina Grande: iniciando o debate sobre as bases teóricas de sua estruturação.

A produção do espaço, em si, não é nova. Os grupos dominantes sempre produziram este ou aquele espaço em particular, o das cidades antigas, o dos campos (...). O novo é a produção global e total do espaço social. Essa extensão enorme da atividade produtiva realiza-se em função dos interesses dos que a inventam, dos que a gerem, dos que dela se beneficiam (LEFEBVRE, 1999, p. 142-143)

Desde o surgimento da ciência geográfica, embates teóricos têm surgido para averiguar o que se constitui e como se dá a relação da sociedade - natureza em sua forma de produzir e reproduzir o espaço geográfico, especialmente no caso dos ambientes urbanos cujos sistemas de objetos são complexos em decorrência dos sistemas de ações impossíveis de serem observados isoladamente (SANTOS, 2014, p.6) mesmo quando o fator de origem corresponde a uma atividade econômica.

Os objetos correspondem a tudo aquilo que se insere no espaço materialmente falando, e ações, se constituem como todas as movimentações e forças produzidas pela sociedade para exercer suas necessidades de locomoção, abrigo, gestão dos lugares, e que inclusive sempre são responsáveis pela criação de novos objetos e alteração dos antigos, torna-se perceptível essa assimilação da sociedade e sua relação com a natureza, vice-versa.

Henri Lefebvre também fez consideráveis contribuições para o entendimento dos estudos sócio espaciais. Nessa conciliação do espaço natural/ modificado com a sociedade, surge o que ele chama de espaço social, em que “[...] pode-se entender [...] como aquele que é apropriado, transformado e produzido pela sociedade.” (LÉFEBVRE, 2001, p. 22)

Se tudo que está a nossa volta, flui em constante movimentação, sendo erguido, estruturado, criado e modificado, percebemos que existe a produção do espaço, o qual conhecemos, dotados de elementos humanos e naturais de origem, que ao decorrer do tempo altera-se de forma intensa, através das atividades que conduzem a um verdadeiro processo de organização espacial; um ordenamento das atividades e ações sempre refletidos no modo de produção e construção de objetos.

A organização espacial, esta pautada no “[...] conjunto de objetos criados pelo homem e dispostos sobre a superfície a terra”. (LÉFEBVRE *apud* CORRÊA, 1985, p.55), mas ela nunca se dá de forma espontânea e fluida, sempre há nesse processo, idealizações e interesses humanos que definem, encaminham, determinam e por fim materializam essa forma de organização, que sempre estão coligadas com os processos de estruturação, motivados pela relação da construção num espaço-tempo de cada lugar.

Tais argumentos, são essenciais para a verificação do processo histórico de construção das cidades que também são marcadas por se inserirem na análise provocada pelos embates teóricos marxistas, os quais a veem como produção dos mais variados

interesses coexistentes a exemplo do próprio Estado, organizações privadas, atuação popular, de todos os órgãos e atores sociais que a compõem e a dão vida.

As cidades possuem um estereótipo em sua forma de se constituir. São elementos, objetos e construções que quase sempre a caracterizam enquanto tal. Assim como suas mais variadas representações sociais, a matéria também parece dar vida a esta. Se para o dicionário de Filosofia, o Materialismo consiste em “[...] afirmar que a única causa das coisas é a matéria, ainda mais em aspecto metodológico que reconhece que [...] a noção de matéria, ou seja, de corpo de movimento, é o único instrumento disponível para a explicação dos fenômenos” (ABBAGNANO, 2012, p.747), a concepção de cidade parece aí encontrar um espaço que nos mostra sua complexidade.

Para a dialética, a cidade parece encontrar um amplo espaço de verificação e confirmação da natureza de sua existência em essência, pois nela são reproduzidas as modificações que sucedem as interações do homem com o meio. Engels e Marx nos seus estudos sobre a sociedade conseguiram trazer de forma clara o entendimento da dialética, regidas por três leis básicas:

A primeira significa que na natureza as variações qualitativas só podem ser observadas somando-se ou subtraindo-se matéria ou movimento, ou seja, por meio de variações quantitativas. A segunda lei garante a unidade e a continuidade da mudança incessante da natureza. A terceira significa que cada síntese é por sua vez a tese de uma nova síntese. (ABBAGNANO *apud* ENGELS, 2012, p. 749)

Para Marx e Engels o conceito de produção tem um sentido amplo, uma vez que os seres humanos (sociais) produzem sua vida, consciência. Ou seja, produzem seu próprio mundo não havendo nada na história ou na sociedade que não tenha de ser alcançado e produzido, nisso, a produção corresponde a uma “multiplicidade de obras e uma grande diversidade de formas, mesmo formas que não carregam o carimbo do produtor ou do processo de produção” (LEFEBVRE, 1991, P.68).

Nesse jogo de modificações, que sugerem as reações encontradas pela movimentação da sociedade dentro da cidade, ela adquire características que podem ser confrontadas e analisadas pelo conhecimento até então existente.

[...] a personalidade humana é constituída intrinsecamente (em sua própria natureza) por relações de trabalho e produção de que o homem participa para prover suas necessidades. A “consciência” do homem (suas crenças religiosas, morais, políticas, etc.) e resultados dessas relações, e não seu pressuposto. (*Deutsche Ideologie, 1845-46*). (ABBAGNANO *apud* ENGELS, 2012, p. 750)

A cidade é fruto das interações humanas entre si mesmos e com o meio natural, ela imprime características peculiares na sua forma de organização estrutural relativos ao espaço-tempo referente à sua construção histórica. A produção de algo é evidente uma vez que a produção do espaço citadino dá referências a sua constituição, sempre ligadas a objetos e elementos materiais.

O significado de produção no estudo e compreensão da cidade, se expressa em dois sentidos: um amplo, que corresponde a matriz do seu significado ou seja, relacionado à criação, e outro restrito, relacionado a bases materiais (SOUZA, 2012 *apud* LEFEBVRE, 2001)

Ao fazer referência ao espaço como sujeito, estamos nos reportando às diversas mudanças evidenciadas nos objetos criados ao longo da história, a exemplo de praças, campos, entre outros que têm suas funcionalidades, formas e estruturas modificadas de acordo com a relação social que se evidencia em um determinado período assim coexistências e suas funções (SOUZA, 2012, p. 20)

É este o cenário teórico-prático que encontramos em Campina Grande, o qual decorre de fatos históricos que marcaram sua consolidação atual enquanto a segunda maior cidade mais populosa e primeira em inovação do interior do Nordeste (IBGE, 2010).

No sentido de produção, percebemos que segundo o Dicionário de Filosofia, esta, se caracteriza como “[...] fazer passar a ser alguma coisa que poderia não ser, ou ainda, [...] qualquer possibilidade que se torne causa de geração de coisas que antes não existiam. “(ABBAGNANO, 2012, p.750), A cidade apresenta-se, portanto, como obra pois tem em seus elementos valor de uso” (LEFEBVRE, 1991). A cidade é obra das interações humanas com o meio que ali coexistiram ao passar os tempos como se fosse acumulando toda uma construção verificável através de uma linha do tempo de acontecimentos que marcaram e a formaram enquanto qual se configura atualmente.

A oposição entre valor de troca e valor de uso, embora comece como um mero contraste ou antítese não-dialética, assume eventualmente um caráter dialético. As tentativas de mostrar que a troca absorve o uso são apenas uma maneira incompleta de substituir uma oposição estática por uma dinâmica. O fato é que o uso re-emerge bruscamente em desacordo com a troca no espaço, pois implica não "propriedade", mas "apropriação". A própria apropriação implica tempo (ou tempos), ritmo (ou ritmos), símbolos e uma prática. Quanto mais espaço é funcionalizado - mais completamente cai sob a influência dos "agentes" que o manipularam de modo a torná-lo unifuncional - menos suscetível se torna à apropriação. Por quê? Porque desta forma é removida da esfera do tempo vivido, do tempo de seus "usuários", que é um tempo diverso e complexo (LEFEBVRE, 1991, p. 356).

Nesse sentido amplo de cidade enquanto obra, nos traz a possibilidade de pensar como tal obra se torna relevante no meio em que se insere, refletindo sobre o grau de centralidade que esta obtém. Antes, precisamos entender o termo. Para o dicionário

HOUAISS: “centro s. m.1 GEOM ponto em relação ao qual equidistam os pontos de uma circunferência ou de uma superfície [...] 4.1 partes localizada no interior de cidade, região, país etc. 5 pontos de convergência de pessoas, olhares, veículos etc.” (GLUSZEVICZ, 2013 *apud* HOUAISS, 2004, p. 673).

No entanto, tal significação não consegue abarcar em si todo o sentido atribuído pelos estudos geográficos para o entendimento ainda que complexo do que se insere como centralidade e centro no meio urbano, então, ainda para o dicionário, o centro estudado pela geografia urbana, tem o sentido “[...] 17 URB área ou parte central de (bairro ou cidade) onde se concentram atividades comerciais, burocráticas e de serviços 17.1 URB área ou parte de uma cidade ou região onde se 4 concentram empresas dedicadas a atividades industriais de grande porte 17.2 p. ext. URB qualquer área, região etc. Que concentre a produção e/ou comercialização de certos produtos em níveis significativos ou que concentre certas atividades de lazer ou de cultura”. (GLUSZEVICZ, 2013 *apud* *ibid.*, 2004, p. 673).”

O centro urbano é preenchido até a saturação; ele apodrece ou explode. Às vezes, invertendo seu sentido, ele organiza em torno de si o seu vazio, a raridade. Com mais frequência, ele supõe e propõe a concentração de tudo o que existe no mundo, na natureza, no cosmos. (LEFEBVRE, 1999, P.46)

Assim como ocorre com outras áreas urbanas, o centro de Campina Grande vem sendo historicamente produzido como área central sendo o marco da urbanização da cidade.

O nascimento da cidade moderna surge na sequência da explosão da revolução industrial e das transformações econômicas, sociais, tecnológicas e políticas ocorridas desde meados do século XVIII até meados da centúria seguinte. (BARRETO, 2010, p. 29).

Campina Grande, através da sua área central, começa a ganhar elementos e objetos que a fazem ser caracterizada enquanto cidade, motivados, pelos inúmeros investimentos que a mesma vem recebendo desde o século XIX até a contemporaneidade, decorrentes do extenso e intenso processo de industrialização dentro da cidade, o qual se torna um elemento importante na expansão e estruturação da sua malha urbana, ainda mais quando pontos estratégicos são selecionados para a possível modificação e recebimento de estruturas que fazem a cidade, em seu centro, ganhar funções específicas enquanto tal.

Os documentos históricos comprovam isso. Os estudos históricos-geográficos dão base suficiente para esta confirmação. É no centro de Campina Grande que suas ruas, prédios, monumentos, entre outros, ganham destaque. A história da cidade está contida ali. Sua área central, hoje, se caracteriza, ainda, enquanto centro histórico, e, centro comercial

da cidade, ainda que, seus bairros periféricos passaram a exercer suas próprias centralidades na vida dos indivíduos.

O início da industrialização, o avanço do comércio e a chegada de novidades tecnológicas anunciaram um cenário que culminou com a realização de uma polêmica reforma urbana que mudou o cenário do centro de Campina Grande a partir da década de 1930. (CAMPINA GRANDE, 150 ANOS A FRENTE. 2014, p, 15)

A partir do reconhecimento dos principais eventos que ocorrem ao longo do tempo e como tais transformações se tornam referência na percepção de cidade por parte do campinense, é possível traçar de forma sistemática do que se configura o espaço central na atualidade. Ainda mais, quando de forma emergente, percebemos uma utilização desse espaço para a produção do que chamamos de espaço turístico. Se de forma anterior conseguimos perceber a produção de um espaço relativo a usabilidade e funcionamento da cidade em seu cotidiano de cada indivíduo, seja em seu aspecto empresarial, educacional, industrial, comercial dentre vários outros. Hoje, podemos perceber o surgimento (mesmo que não seja recente) de novas atividades e funções que são dadas aos equipamentos, objetos e estruturas pré-existentes na cidade.

O materialismo-histórico-dialético é um dos métodos que podem ser utilizados para a compreensão de tal realidade, pois ele consiste nisso: A historicidade de uma sociedade que imprime através da materialização dos objetos, suas motivações pessoais e coletivas, transformando e dando novas funções aos espaços já existentes conforme progressão de uma linha do tempo. O espaço é criado, mostrando-se palpável e visível, e o tempo, servindo como identificador e definidor dos principais eventos e acontecimentos. A atividade turística está baseada nisso, a utilização dos espaços por aqueles que visitam esse local, que tem por principal objetivo promoção do conhecimento para si próprios, o lazer e o entretenimento.

O espaço turístico tornou-se um dos pontos atuais de análise da ciência geográfica tendo em vista que esta atividade está correlacionada com a forma e dinâmica dos indivíduos em produzir o espaço em que habitamos e realizamos nossas atividades. Alicerçado na dinâmica que é dada aos locais que se preocupam em introduzir essas atividades para o desenvolvimento local, a utilização do turismo tem se destacado.

Para haver uma compreensão concreta do que se pode definir como espaço turístico, torna-se importante compreender que este, primeiramente, só pode existir se estiver

atrelado ao turismo e que não se dá de forma acabada, mas que tem em si aspectos diferenciados na sua forma de estruturar e de ser organizado. Para o turismo:

Seu campo de atuação é toda a superfície da Terra, seu objetivo é a organização do espaço e sua função é a de aperfeiçoar o uso atual, procurando fazer com que não entre em crise pelo esgotamento prematuro dos recursos não renováveis e pela exploração irracional os renováveis (BOULLÓN, 2002, p.72)

Especificamente, para a atividade turística, o espaço adquiriu diversas classificações quanto a sua utilização, composição sua forma de ser, além de definição dos seus tipos. Para Boullón, este pode ser classificado pelo cunho físico, sendo desdobrado como “[...] real, potencial, cultural, natural, virgem, artificial ou vital (sendo) consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, que não devemos esquecer, são a matéria prima do turismo “(2002, p. 76 e 77).

Para Campina Grande, especificamente no Bairro Centro, objeto estudado nesse trabalho, poderíamos afirmar que o mesmo se estrutura de forma complexa sendo ao mesmo tempo: real, por possuir sua matéria estabelecida no espaço; b) potencial, pois o mesmo agrega elementos que são imaginados para o possível uso e consumo, sua área de influência possui usabilidade dentro da cidade; c) artificial, pois aportou-se para sua criação, nas técnicas estabelecidas pelo homem para se construir; e d) cultural, pois é dotado de idealizações estabelecidas pelo homem na sua forma de construir, criar, adaptar, usar, etc.

Outro aspecto que traz relação com a Geografia corresponde à questão da escala de configuração sendo o espaço turístico subdividido, segundo BOULLÓN (2002) em zona, área, complexo, centro, unidade, núcleo, conjunto, corredor, corredor de traslado e corredor de estrada (2002, p. 79). Os resultados obtidos na pesquisa do CNPq na qual participamos como colaboradores, no que se refere a produção de espaços turísticos na Paraíba, reconhecemos Campina Grande como sendo um Centro Turístico que apreende uma área turística formada por um aglomerado de municípios nos quais se desenvolve o turismo sendo, de acordo com BOULLÓN (2002) “Todo conglomerado urbano que consta em seu próprio território ou dentro do seu raio de influência, atrativos turísticos de tipo e hierarquia suficientes para motivar uma viagem turística”. No contexto interno, Campina Grande foi observada como espaço turístico em consolidação tendo na área central os principais objetos de sua configuração como espaço turístico.

Para o centro turístico, é necessário que este possua equipamentos e estruturas suficientes para atender as demandas de visitantes, no que tange os seus aspectos básicos de

realização de atividades e permanências nos locais. É necessário a presença de locais de hospedagem, alimentação, entretenimento, agências de viagem de ação local, além de bancos de informações turísticas, atrativos locais, comércios turísticos, postos telefônicos, correios, entre outros. Percebemos então, a importância de que esses locais de espaço turístico tenham toda uma dinâmica estrutural em sua composição, como também entender o espaço das áreas, zonas e lugares em que o turismo predomina como atividade, é de grande importância, porque só assim um melhor aproveitamento de tudo o que aquele espaço pode oferecer, dando assim um maior poder valorativo, isso de forma integrada e única.

“A realidade urbana interpretada como um fato espacial, alcança três dimensões, que chegam a quarta pelos olhos de um observador que transforma a paisagem urbana ao circular por ela” (BOULLÓN, 2002, p. 119)

Nesse caso, para o centro de Campina Grande “[...] a visitação turística requer percursos planejados que devem estar bem programados e sinalizados, primeiro para evitar que o turista se perca e depois para assegurar que ele veja seus pontos mais importantes (BOULLÓN, 2002). Para a concretização de qualquer projeto que se baseie na materialização do seu objeto base, é necessário que haja todo um planejamento na sua forma de se estruturar, tendo em vista que “[...] se planejar é sinônimo de conduzir conscientemente, não existirá então, alternativa ao planejamento. Ou planejamos ou somos escravos das circunstâncias. Negar o planejamento é negar a possibilidade de escolher o futuro, é aceitá-lo, seja ele qual for.” (MATUS, 1996, Tomo I, p. 14).

Planejar é o corpo de todo e qualquer empreendimento, como também de toda a atividade idealizada para dar certo e se tornar real. Em Campina Grande, destaca-se através do que é impresso nas transformações urbanas recentes, a probabilidade de um reestruturação que visa a promoção de uma melhor ambiência no seu centro urbano.

O planejamento é a preparação para a gestão futura, buscando-se evitar ou minimizar problemas e ampliar margens de manobra; e a gestão é a efetivação, ao menos em parte, das condições que o planejamento feito no passado ajudou a construir (SOUZA, 2004, p. 46)

Ainda que o planejamento seja a essência do negócio, devemos ter a ciência dos motivos que nos levam a planejar, e para quem planejamos. Nesse caso, para a reestruturação do centro de Campina Grande, ter esse reconhecimento de que o projeto é destinado a servir a sociedade na sua forma de se utilizar desse espaço para efetivar suas atividades de lazer, conhecimento e crescimento enquanto indivíduos, se torna necessário entender que estamos lidando com algo que irá interferir no espaço público, ocasionando

assim, uma – ainda que parcialmente – privatização dos locais no contexto do consumo desses espaços pré-selecionados. Devemos entender que:

[...] o espaço público é definido pela qualidade de livre acesso. Ora por um lado, esta concepção peca pelo fato de não distinguir público de coletivo ou comum, ou seja a simples característica de ter um acesso livre não configura um estatuto público ao espaço. (SOUZA, 2004, p. 160)

Tendo em vista que, os investimentos são destinados a melhoria desses espaços, tanto em seus aspectos de estrutura (reformas, construções), segurança (instalação de câmeras de monitoramento, segurança particular de patrimônio), como também em funcionalidade, percebemos que este espaço público passa a adquirir uma nova roupagem que afeta diretamente no modo em que o utilizador visitante interpreta sua participação no mesmo, como se os inibisse de efetivarem suas formas naturais de se comportar.

Para a Geografia, esse tema se tornou um estudo que se configura como complexo em sua essência. Existe essa correlação de espaço público porém privado em seu modo de ser gerido (que requer normas e comportamentos a serem seguidos) os espaços públicos que você tem livre acesso e espaços privados que são pagos para serem frequentados.

A problemática aqui abordada, está longe de criar paradigmas no seu modo de ser visualizado. A nossa intenção é que de fato exista a reestruturação, porém que de forma justa e em equidade, tais locais possam favorecer o conhecimento sobre Campina Grande à todos aqueles que tenham como principal objetivo, o querer e a vontade de conhecer sobre o que a cidade tem de turístico.

CAPÍTULO 2

A formação sócioespacial do Centro de Campina Grande e sua influência na identidade urbana.

A realidade atual (social e urbana) revela algumas necessidades fundamentais. Não diretamente, mas através do que as controla repressivamente, do que as filtra, as oprime, ou as desvia. O que se desvenda retrospectivamente. Conhece-se o passado a partir do presente, mais que o presente a partir do passado. O que legitima uma historicidade sem historicismo. Teoria e método precisamente indicados por Marx. Da problemática urbana, elabora-se uma antropologia dialética (LEFEBVRE, 1999, p.72)

2.1 Campina Grande e suas reminiscências

O desafio de se desenvolver um estudo sobre a cidade, está normalmente associado a percepção dos reais fatores que marcam o seu processo de caracterização como espaço urbano, tanto no que se refere a configuração dos seus objetos, como no que diz respeito as ações que determinam a sua função espacial.

De acordo com SOUZA (2015, p.15 a 17), existem duas formas de considerarmos a relação social no e sobre o espaço: a) aborda-lo numa perspectiva socioespacial ou b) analisa-lo em uma perspectiva sócio-espacial. A primeira considera a qualificação social sobre o espaço. A outra (sócio-espacial) analisa-se as relações sociais e a dinâmica espacial. Nesta pesquisa adotamos a concepção de socioespacial sem hífen por entendermos a produção do espaço turístico como consequência das relações sociais sobre o espaço, qualificando-o como real, potencial, natural ou artificial. Deixaremos para os desafios futuros a análise das ações dos sujeitos sociais.

No caso de Campina Grande, apesar de sua emancipação datar do final do século XIX (Lei provincial n.127/1864), conforme observado por SOUZA (2013), e dos fatores determinantes de sua expansão territorial serem relacionados pelos historiadores como consequência da existência de um ramal ferroviário que conectava o Rio Grande do Norte a cidade de Recife, a iluminação elétrica e o abastecimento d'água, estabelecidos no início do século XX, o processo de urbanização está relacionado a importantes objetos criados durante o século XX – decorrentes dos benefícios deixados pelo beneficiamento do algodão, os quais ainda hoje expressam a imagem da cidade – e da sua localização geográfica – sendo o principal núcleo de conexão entre o litoral e o sertão paraibano.

Para introduzir essa parte neste trabalho torna-se necessário a definição dos termos aqui apresentados, monumentos, prédios e objetos, para que se possa haver um entendimento de como estes se inserem em Campina Grande na sua complexa e real interação com o corpo urbano e social da cidade.

Segundo Côrrea (2005) os monumentos:

[...] não são apenas objetos estéticos. São intencionalmente dotados de sentido político, capazes de “condensar complexos significados” (Rowntree e Conley, 1980, pp. 460) em torno de valores e práticas e, ao mesmo tempo, atuar como “mecanismos regulatórios de informações que controlam significados (Rowntree e Conley, 1980, pp. 465). Neste sentido os monumentos podem ser vistos como textos (Duncan, 1990), impregnados de figuras de linguagem como metáforas, metonímias, sinédoques e alegorias, que comunicam mensagens em forma

simbólica (Duncan, 1990, Livingstone e Harrison, 1982), associadas a temas como poder, identidade e conflitos gerados por ambos.

Para o dicionário Aurélio (2001), o prédio pode ser definido como: “1. Propriedade imóvel rústica ou urbana. 2. Casa ou edifício. Em que nesse contexto, se relaciona com os prédios e edifícios que foram construídos para funções específicas dentro da cidade, em que perpassa gerações em sua utilização. Enquanto que, os objetos, Santos (2014, p. 72) assevera que “[...] são tudo o que existe na superfície da Terra, toda herança da história natural e todo resultado da ação humana que se objetivou. Os objetos são esse extenso, essa objetividade, isso que cria fora do homem e se torna instrumento material de sua vida, em ambos os casos uma exterioridade.”

Nesse contexto, percebemos que Campina Grande ao longo da história, recebeu diversos elementos que registram e perpetuam a história da cidade, das suas conquistas e de seus vultos. Para o cronista Souza (2013, p. 26), estes “[...] só embelezam as vias públicas e urbanizam locais, mas transmitem ensinamentos e solidificam a cultura do seu povo.”

Se para o turismo, todas as estruturas históricas ou novas, que são destinadas a este fim, de forma que ornamentam a cidade e tornam-na atrativa visualmente, podem ser utilizadas para a propagação e produção deste tipo de atividade, temos embasamento em confirmar que em Campina Grande, suas reminiscências históricas e atuais são potenciais para a produção anual do seu espaço turístico.

Torna-se necessário elencar tais elementos físicos e assim mostrar sua relevância na caracterização da cidade. Nesse contexto, já se é conhecido pelos moradores locais, que um lugar se destaca nesse aspecto, dos 50 bairros (IBGE, 2010) existentes em Campina Grande, o bairro Centro da cidade é o local que historicamente se destaca pela expansão inicial da malha urbana campinense, e é no mesmo que se encontra o seu centro histórico, como podemos observar no mapa a seguir.

Mapa 1: Bairro Centro da cidade de Campina Grande. FONTE: LIMA, 2017.

Na realidade outros locais, possuem reminiscências que também remontam e fazem parte da história de crescimento da cidade, como o açude velho, o açude novo, o Parque do Povo, entre outros locais, que agregam em seu entorno esses elementos que dão uma característica singular a cidade no modo em que esta foi construída e reconstruída, conforme suas influências que levam sempre em consideração a configuração do espaço-tempo que perpassou a cidade.

É sabido que a cidade desde o início dos seus completados, 151 anos de emancipação política, passou por significativas transformações espaciais, resultantes de suas atividades socioeconômicas que ganharam significância a partir da chegada do trem em suas terras, favorecendo assim o seu crescimento.

“Essa característica de entreposto comercial se acentuaria ao longo do tempo, principalmente após o ano de 1907 quando os trens da Great Western começaram a transportar algodão o “ouro branco”, que trouxe a cidade as luzes do progresso” (CAMPINA GRANDE, 2000, p. 11)

Atualmente, ficando em segundo lugar dentro do estado da Paraíba, no que vale os seus aspectos econômicos, políticos e sociais, a cidade obtém destaque de acordo com suas características que a tornam única dentro do contexto estadual. Com uma economia baseada principalmente em serviços e indústrias, Campina Grande exerce uma importante centralidade dentro do estado.

Na contemporaneidade, a cidade tem se destacado devido os investimentos constantes que são aplicados para o seu próprio desenvolvimento, são melhorias no sistemas de mobilidade urbana, são investimentos na suas áreas comerciais e serviços, são grandes incorporações que têm apostado na cidade com os seus investimentos nos setores imobiliários e de hotelaria, são esforços que tem se concretizado no construir espacial da cidade, como também a sua notoriedade no contexto nacional, ao realizar seus megaeventos de caráter cultural.

A partir disso, a cidade se tornou um grande centro de atração dentro do estado, como ponto de parada principal dos viajantes que atravessam o estado em todos os sentidos: Norte, Sul, Leste, Oeste. O que nos faz perceber um aumento do consumo espacial e de todos os tipos de serviços que é fornecido dentro e no entorno da cidade.

Mapa 2 – Conexão Campina Grande e João Pessoa

Independente dos fatores que determinaram a sua estruturação sócio espacial, Campina Grande se caracteriza como um espaço complexo que desperta o interesse dos seus visitantes devido ao surgimento de megaeventos tanto no período carnavalesco como durante o São João. Os efeitos da influência desses eventos na reestruturação urbana da cidade estão expressos nos objetos criados ao longo dos anos de consolidação do seu espaço urbano ou atualmente reestruturados.

2.2 Os monumentos, prédios e objetos de Campina Grande, historicidade e apropriação pelo indivíduo, o turismo como potencializador.

Segundo relatos e versões apontadas e contadas pela história de Campina Grande, houve um grande movimento de modificações urbanas que marcaram o período referente a todo o século XX na cidade. Com líderes políticos determinados, uma sociedade relativamente desenvolvida, além dos inúmeros investimentos que a cidade recebera através da criação de indústrias em cada canto da cidade, Campina Grande passa por constantes modificações e reformas que expandem seus limites enquanto cidade, ao mesmo tempo que a moderniza.

A modernidade de Campina Grande chegou com o trem. Começaram a se instalar as primeiras indústrias, as prensas hidráulicas, as fábricas têxteis, as olarias, as manufaturas, as oficinas mecânicas, as usinas de beneficiamento e algodão que fizeram de Campina Grande na década de 1940 a Liverpool brasileira. (SOUZA, 2013, p. 34)

Se tornava necessária as modificações do seu espaço urbano, Campina Grande crescia ao mesmo tempo que via sua população aumentar, para deixar de lado sua característica ainda provinciana e modernizá-la para deixar com perfil de metrópole, termo já utilizado para a cidade do interior que em termos estruturais e paisagísticas, não podia ser assemelhada a grande capital São Paulo, considerada o principal centro econômico do país.

A partir de 1930, os administradores de Campina Grande passaram a ter um objetivo em comum: modernizar a cidade. Foi nesse período que começou a reforma urbana da área central, modificando a arquitetura e ampliando a infraestrutura. As mudanças mais radicais aconteceram nas gestões do prefeito Vergniaud Wanderley, que mudou a ‘cara’ da cidade. A meta era deixar para trás o aspecto ainda provinciano e adotar uma estética parecida com o estilo de uma metrópole (CAMPINA GRANDE, 150 ANOS A FRENTE. 2014, p. 5)

Num movimento conhecido como “bota-abaixo”, os líderes que governavam a cidade naquele período, e que a projetavam de forma futurista, foram responsáveis pela demolição de inúmeros prédios antigos para abertura de novas vias, além de construção de prédios mais novos que seriam considerados como novos cartões de visitas para a cidade,

num movimento que ainda continha em sua essência o calçamento de ruas e asfaltamento das suas principais vias. Algo que ficou marcado, fora a abertura da Av. Marechal Floriano Peixoto, que teve seu espaço aberto, após a demolição da Igreja do Rosário, logo após reconstruída no bairro da Prata.



Em 15 de agosto de 1940 o arcebispo da Paraíba criou a segunda paróquia da cidade, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário e tendo por igreja matriz o templo católico deste nome, A igreja do Rosário já estava vendida para ser demolida. Mesmo que não fosse demolida, não poderia servir de matriz, de vez que estava colocada na outra paróquia, na da Conceição. (Site da Paróquia do Rosário, 2017)

FOTO 1: Antiga igreja do Rosário. FONTE: Fascículo, Campina Grande 150 anos á frente, 2014



FOTO 2 e 3: AV. Marechal Floriano Peixoto, ontem e hoje. FONTE: Campina Grande 150 anos a frente, 2014 e Google Imagens, 2017;

A avenida Floriano Peixoto é na contemporaneidade a principal via de acesso dentro da cidade, seguindo em linha reta, atravessa-a, indo da direção leste a oeste do seu meio urbano, sendo essa o palco principal de toda a movimentação de trânsito, pessoas, tendo em vista que a mesma perpassa o centro da cidade, principal área comercial do município.

A mesma ainda abriga em suas calçadas, prédios públicos históricos que ainda hoje estão sendo utilizados para funções político-administrativas. Tendo por base essa influência do perímetro urbano do centro histórico de Campina Grande, ainda se torna possível perceber outros locais que remontam seus tempos antigos, ou foram erguidos para representação emblemática da cidade de Campina Grande. Temos então o Açude-Velho, Açude-Novo, Parque do Povo, Viaduto Elpídio de Almeida (Liga o centro da cidade a

principal avenida do Bairro Alto Branco, a Manoel Tavares, conhecido por ser uma local de referência gastronômica da cidade).

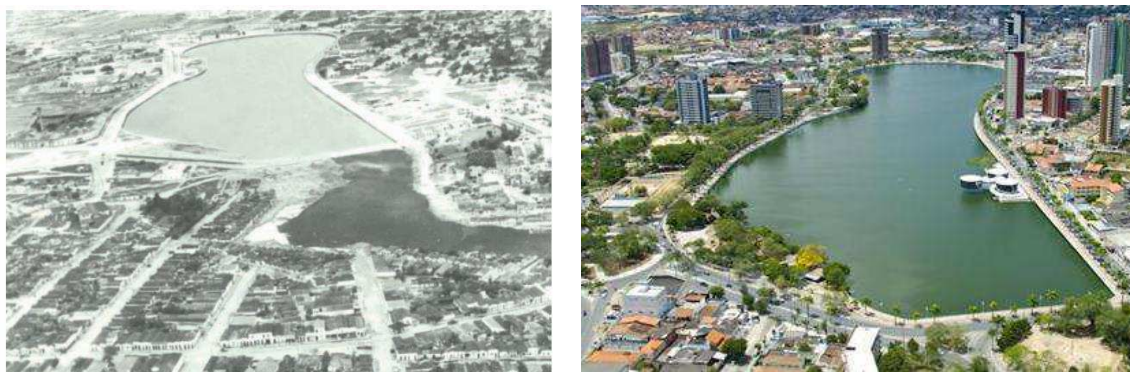


FOTO 4 e 5: Açude Velho - 1940 (à esquerda) e hoje – 2014 (à direita). FONTE: BlogCGRetalhos, 2016, e Google Imagens, 2017.

A história do mais emblemático cartão-postal de Campina Grande começa em 1828. Neste ano, são iniciadas as obras de construção do reservatório que mais tarde passaria a ser amplamente conhecido como 'Açude Velho'. A obra represou as águas do Riacho das Piabas e foi uma reação aos efeitos da seca que assolou o Nordeste entre os anos de 1824 a 1827. (CAMPINA GRANDE, 150 ANOS A FRENTE. 2014, p. 12).

Criado para ser uma fonte de água para a população campinense no século XIX, o Açude Velho marca a cidade de Campina Grande, pois atualmente é um dos pontos de passagem de visitantes, turistas, e/ou até dos próprios moradores que vivenciam o espaço para atividade de lazer, prática de exercícios físicos, ciclismo, como vários outros, Um verdadeiro emblema para a cidade de Campina Grande.

Outro ponto que se destaca dentro da cidade de Campina Grande, é o espaço público conhecido como Parque do Povo, o mesmo fora criado para abrigar festas que eram realizadas dentro da cidade, serviu como local de apoio para os festejos juninos da cidade, além de receber o público no carnaval fora de época, extinta Micarande, além de ser palco do encontro religioso protestante, Consciência Cristã.



FOTO 6 e 7: Parque do povo em construção (á esquerda) e hoje (à direita). FONTE: BlogCGRetalhos, 2016, e Google Imagens, 2017.

Como prefeito de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima, construiu o Parque do Povo e criou a marca do Maior São João do Mundo, além de abrir as avenidas João Wallig (Distrito Industrial) e Manoel Tavares (ligando o Centro à saída para o Brejo - BR-104). (CAMPINA GRANDE, 150 ANOS A FRENTE. 2014, p. 12)

Um outro local que se destaca dentro da cidade, é o ponto conhecido como Açude Novo, também criado para o abastecimento de água da cidade, que sofreu com os fortes períodos de estiagem que marcaram o século XIX.



FOTO 8 e 9: Feira Central na década de 1960 (á esquerda) e 2015 (à direita). FONTE: BlogCGRetalhos, 2016 e Lima, 2017.

Apesar dos nomes que sugerem uma diferença maior da data de fundação, o Açude Velho e o Açude Novo surgiram praticamente na mesma época. Ambos foram construídos por volta da década de 1830 e com o mesmo intuito: ampliar a capacidade hídrica de Campina Grande e evitar crises de abastecimento em época de seca. Mas enquanto o Açude Velho resistiu ao tempo, o vizinho 'caçula' foi aterrado e transformado (CAMPINA GRANDE, 150 ANOS A FRENTE, 2014, p. 9)

Uma outra localidade que também se destaca ao ser ponto de referência dentro da cidade de Campina, é a sua Feira Central, que de forma acentuada ainda mantém seus parâmetros de organização inicial, sendo considerada um marco na permanência da história cultural dos primeiros criadores e formadores desta. Resistindo ao tempo e as modernidades, a mesma mantém características que tornam algo singular para a cidade de Campina Grande.

Entre Antônio Pereira Diniz e Verginaud Wanderley, a cidade foi administrada também por Bento Figueiredo, que foi nomeado prefeito pelo irmão, o governador Argemiro de Figueiredo. Foram dois curtos mandatos, o primeiro em 1935 e o segundo de 1938 a 1940. Contribuiu para o projeto de urbanização ao instalar o Mercado Central, deslocando a feira que funcionava na área onde atualmente está a rua Maciel Pinheiro. Reformou o Cemitério do Monte Santo. (CAMPINA GRANDE, 150 ANOS A FRENTE, 2014, p. 6)



FOTO 10 e 11: Feira Central na década de 1960 (à esquerda) e 2015 (à direita). FONTE: BlogCGRetalhos, 2016.

Se torna necessário compreender o processo de construção e crescimento da cidade de Campina Grande, para que possamos ter noção da sua configuração atual. É perceptível que todos os lugares aqui elencados e mostrados, estão enraizados na consolidação da área urbana e rural do que hoje conhecemos como Campina Grande. Se o turismo carrega essa característica de apropriação dos espaços de uma cidade, é porque tem como proposta oferecer história que é apropriada enquanto conhecimento, lazer e entretenimento para os visitantes.

CAPÍTULO 3

A reestruturação do centro e as perspectivas para a produção do espaço turístico de Campina Grande

A memória olha para o passado. A nova consciência olha para o futuro. O espaço é um dado fundamental nessa descoberta. Ele é o teatro dessa novação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num processo sempre renovado. (SANTOS, 2014, p. 330)

O olhar do pesquisador acaba sendo um elemento chave na forma com que o espaço é verificado e analisado em percepção. Ele conclui que sempre têm em sua essência, peculiaridades que varia de cada indivíduo. Esta forma com que a paisagem é averiguada, se torna abundante de significados que se tornam importantes para a análise do conteúdo daquilo que foi coletado, como também, importantes para a conclusão daquilo que se é esperado.

Dentro dessa perspectiva, o referente capítulo está pautado no procedimento metodológico de verificação do olhar de pesquisadores, que já se envolveram com o tema e a problemática deste trabalho, através do projeto financiado pelo CNPq, que têm por título: "Conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento para o Estado da Paraíba" (edital universal 14/2013, processo 472964/2013-5), em que, foi possível que estes tivessem o contato direto com as teorias, metodologias, debates, discussões e problemáticas efetuadas anteriormente nos encontros do Grupo de Pesquisas Integradas em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS, que envolviam o universo do ramo geográfico, e na disciplina Geografia do Turismo ofertado pelo curso de Geografia da referida universidade, sendo então, estes, peças importantes para a realização desta pesquisa.

Este capítulo foi desenvolvido para identificar a leitura da produção do espaço turístico de Campina Grande, através do Centro da cidade, e está dividido em três partes. Na primeira, contextualizamos a metodologia adotada, a análise qualitativa da ficha de inventário turístico. Na segunda parte é trabalhada a escala da cidade, o qual identificamos através do projeto de Iniciação Científica (2015/2016) em adequação, a viabilidade de um roteiro turístico interurbano, o qual destaca de forma relevante o centro da cidade de Campina Grande como local de concentração do seus monumentos e objetos que possuem potencial para a utilização turística, mas que sofre em sua utilização, pela problemática no entorno da mobilidade e acessibilidade desses locais. E, por último a terceira parte, temos os resultados obtidos através da análise do inventário realizado e efetuado pelos estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, como critério de seleção, experiência na área aqui estudada (Geografia do Turismo, participação do Grupo de pesquisa GIDS, e participação do Projeto Turismo CNPq, realizado entre os anos de 2013 a 2016).

3.1 A Ficha de Inventário Turístico: Metodologia para a verificação do olhar do pesquisador em relação ao objeto.

Sabemos que numa pesquisa, torna-se relevante a presença de uma metodologia que demonstre alcançar os objetivos propostos para esta, e que ela tenha em si, técnicas importantes e relevantes que visem chegar a conclusão do que se é esperado. A metodologia é o que dá vida a pesquisa, é ela que delinea o que será feito, buscado e realizado em sua execução.

É evidente que para se chegar a determinadas conclusões, espera-se que de forma obrigatória, haja a conciliação da tríade que dá sentido epistemológico a qualquer conhecimento que se constrói, a consonância entre o **objeto, método e técnica**.

A teoria e o método são concebidos a posteriori ao objeto, do mesmo modo que não se define qual o caminho e o meio mais adequado antes de se decidir onde se quer chegar. Assim a tríade epistemológica **objeto-teoria-método** deve estar ajustada, coerente e consistente. A técnica, finalmente organiza os dados da realidade que darão subsídios aos argumentos, diminuindo a fluidez da percepção que o sujeito te do mundo real (HARACENKO, JÚNIOR, 2015 *apud* VENTURI, 2011b, p.6)

Nessa perspectiva, é necessário saber o que será estudado, como será e como a análise discorrerá, e por fim, quais as conclusões obtidas através da realização de todas estas etapas. Partindo desse princípio, temos a utilização da Ficha de Inventário Turístico¹, elaborado pela Geógrafa Dr^a. Martha Priscila Bezerra Pereira, pelo qual, existe pelo objetivo de fazer um panorama e um levantamento apurado através da percepção do olhar do pesquisador, as potencialidades, características visuais, de função e estruturais dos locais visitados, tendo por base, os fatos que compunham o centro da cidade: a criação de elementos e a reestruturação do mesmo em termos de função, utilização cidadina para o turismo e a melhor vivência urbana. Este procedimento metodológico se aporta no inventário e também na realização de um trabalho de campo, que consistiu na visita dos locais que se inserem na execução da pesquisa, neste caso, o Centro da cidade de Campina Grande.

Algumas características básicas identificam os estudos denominados "qualitativos". Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando "captar" o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele

¹ O modelo do inventário está publicado no relatório do projeto CNPq: SOUZA JÚNIOR. Xisto S.S.; PEREIRA, Martha P. B.; LIMA, ALINE B. SILVA, JANAINA B.; MOURA, DÉBORA COELHO. O conhecimento geográfico na promoção do turismo como alternativa de desenvolvimento do Estado da Paraíba. Relatório Final. Campina Grande: Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento – CNPq. Dezembro de 2016.

envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno (GODOY, 1995, p. 20)

Para a Geografia o trabalho de campo se apresenta como técnica importante para a verificação das ideias, e comprovação destas, através da análise empírica dos objetos de estudo que surgem conforme as pesquisas vão sendo mais aprimoradas.

O trabalho de campo na Geografia surge com o próprio surgimento da ciência geográfica, uma vez que parte dela está relacionada á relatos de viajantes (MORAES, 1993). Na medida em que se inicia seu processo de sistematização necessita definir seus critérios de análise, dentre os quais o Trabalho de campo, oriundo da experiência empírica pré-científica, passa a ser apresentado como parte integrante dos que se influenciam, principalmente pelas ideias de Humboldt (CLAVAL, 2006). (PEREIRA, 2015 *apud* MORAES, 1993; CLAVAL, 2006, p. 212)

Está na essência da ciência geográfica, a presença da realização de trabalho de campo, pois se a ciência geográfica, está pautada no estudo da terra (tradução literal da língua de origem), torna-se necessário que o “ir” exista para poder conhecer todos os locais que os nossos sentidos possam alcançar, interpretar, e por fim dar significados, quase sempre interpretados em forma de descrição, que posteriormente requerem uma análise mais apurada e conclusa dos fatos e dados que são obtidos.

A partir dessa perspectiva, foi realizado um trabalho de campo, em consonância a estudantes voluntários², pré-selecionados do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, com principal intuito de efetuar um panorama sobre as condições dos espaços tidos como turísticos no centro de Campina Grande, quanto a sua utilização, relevância para a cidade, além de estruturação destinada a um melhor aproveitamento e visibilização desses espaços.

O mesmo foi realizado nos dias 18 e 20 de fevereiro de 2017, no período da manhã, e foi estruturado a partir da separação de grupos com 2 pessoas para cada lugar selecionado do centro da cidade. Especificamente, em pontos com potenciais turísticos que foram elencados em pesquisas anteriores, que verificou a existência destes com potencial uso relevante a atividade turística (MARQUES, 2012) e que formam uma verdadeira rede

² Alessandro Michell, Marcicleide Milanez, Davidson Pereira e Jéssika Vidal, são estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, considerados aptos para a realização do levantamento turístico, se voluntariaram para a participação na execução desta parte da pesquisa.

conectada que pode ser efetuada com o investimento na criação de um ônibus turístico, a jardineiras. (LIMA, 2016).

Baseada na análise de cunho qualitativo, o referente trabalho de campo, junto com a execução do inventário, possibilitou a análise paisagística, que agrega diversos pontos relevantes para a atividade turística dos locais visitados. Sabemos que o espaço citadino, pode ser significado e interpretado das mais variadas formas, ele em si mesmo, agrega infinitos elementos que pode ser averiguados a partir de parâmetros que estimulem sua visualização e interpretação. Se o centro de Campina Grande, obviamente se insere na cidade, esta possui complexos arranjos que podem ser interpretados de infinitas formas, a exemplo: o seu uso, a sua função, seus problemas, seus movimentos, suas características, suas peculiaridades, sua estrutura, contradições, etc.

A cidade, como fenômeno complexo e em movimento, é território de constantes transformações, mesmo que essas não sejam visíveis na observação imediata. [...] Isso nos leva a uma conclusão: a cidade possui a capacidade interna de articular, como sujeito ativo e não apenas como território de ocorrências de contradições, diferentes dinâmicas que, aparentemente, só ocorrem em escalas mais amplas, o que tem consequências diretas na cidade e nos fenômenos que nela ocorrem, tendo como sujeito definido aquele que está mais próximo, que pode ter suas manifestações em escalas geográficas mais amplas (SPOSITO, 2008, p. 32)

No tocante a estas complexidades, o espaço turístico dentro da cidade ainda sustenta sua complexidade, tendo em vista os parâmetros que a fazem ser considerada e inclusa enquanto tal, a “[...] consequência da presença e distribuição territorial dos atrativos turísticos, que não devemos esquecer, são a matéria prima do turismo” (BOULLÓN, 2002, p.79). Presença territorial, para este caso, no centro da cidade.

Para a realização da atividade, tivemos o aporte de câmera fotográfica e celulares para registro do que foi observado, pranchetas para apoio do inventário e canetas para seu preenchimento, além da utilização de um mapa para espacialização, localização e marcação dos locais visitados, como forma de tornar a atividade lúdica, estimulando nossa interpretação destes, e localização dos lugares e pontos observáveis a “olho nu”.

[...] planejamento, atividade prática e análise de informações obtidas em campo. O detalhamento destas etapas pode ser entendido como uma série de procedimentos que inclui a escolha de mais de uma técnica de observação, coleta e análise de informações a partir de variadas técnicas, tantas quantas forem necessárias para atender o objetivo do trabalho de campo. (PEREIRA, 2015 *apud* Sternberg, 1946)

Este conjunto de técnicas que compõem a metodologia aqui utilizada, foram essenciais na execução da atividade de campo para o preenchimento do inventário, dando

assim, solidez em sua execução, e, estrutura enquanto procedimento importante para a realização desta pesquisa.

3.2 A adoção do “Sistema Jardineiras” como alternativa ao turismo em Campina Grande.

É sabido que os transportes públicos se caracterizam como um meio de deslocamento de pessoas dentro ou fora das cidades através do pagamento (tarifas), sendo estes particulares (moto táxi, táxi, etc.) ou coletivos (ônibus, trens, etc.) entre os quais se destacam os ônibus, devido a capacidade de transportar um número significativo de usuários sendo estes os mais utilizados na mobilidade das pessoas dentro das cidades.

Partindo desse pressuposto, propõe-se a utilização do como opção de mobilidade, devido ao importante papel desempenhado em áreas urbanas, a exemplo do que se pode evidenciar em cidades como Natal, Curitiba e Salvador. A implementação do “Sistema Jardineiras³” possibilita que o turismo intraurbano possa se desenvolver dentro de Campina Grande.

O turismo se constitui como uma das atividades que mais tem se destacado no mundo, sendo igualmente uma das que mais tem se modificado. Para a Geografia, ele tem tomado rumos que se tornaram parte dos estudos que alicerçam esta ciência que estuda principalmente o meio físico da Terra, além das interações exercidas pelos seres humanos, que estão sempre a modificar e construir o espaço, sendo esse o seu principal conceito.

Ainda que os ensaios geográficos sobre o tema demande um maior amadurecimento, já é possível sistematizar uma relevante base teórica que nos dê fundamento para inserir os estudos dessa temática dentro do mundo geográfico, a exemplo da incorporação das categorias de análise do espaço, especialmente a concepção de lugar (escala na qual o espaço é apropriado pelo turismo), território (devido as diferentes disputas de poder entre os sujeitos interessados na implementação da atividade turística) e paisagem (visto que a atividade turística remete a apreensão do espaço).

³ A ideia do ônibus Jardineiras surgiu inspirada nos “double decker” - ônibus de dois andares, criados para atendimento público a mobilidade urbana na cidade de Londres no início do século XX, mas ainda em funcionamento. Por possibilitar uma visão ampla das paisagens e acomodar confortavelmente o turista, os ônibus tipo “jardineiras” foram bem aceitos por empresas envolvidas com a promoção do turismo e pelo próprio Estado enquanto gestor das políticas de mobilidade urbana, especialmente as relacionadas à produção dos espaços turísticos.

Com base nesse quadro de referências, apresentamos como hipótese central, a compreensão de que a inclusão do “sistema jardineiras” em Campina Grande como alternativa a consolidação do espaço turístico da cidade, por possibilitar a redução das situações de risco à violência (física ou psicológica) ao visitante, a partir de uma integração mais eficiente dos pontos turísticos da cidade. A proposta de implementação deste transporte em Campina Grande e região de influência sustenta-se devido à limitação que os transportes públicos tem demonstrado no que tange a seus aspectos de comodidade, acessibilidade e segurança para os visitantes, uma vez que os mesmos, normalmente visitam os locais portando equipamentos de valor (máquinas fotográficas, filmadoras, etc.).

Ao realizar o primeiro contato com a pesquisa, foi preciso esboçar um levantamento prévio acerca das propostas idealizadas ou projetadas para serem executadas na cidade de Campina Grande, no que vale o aspecto do turismo. Foi possível ir a Superintendência de Trânsito e Transportes Públicos de Campina Grande - STTP e a Coordenadoria de Turismo da Secretaria de Desenvolvimento da cidade, obtendo as informações a seguir (Quadro 1):

Levantamento inicial de dados	
Coordenadoria de Turismo	Muitos projetos dependem da aprovação do Ministério do Turismo, e na cidade, no ano passado foi desenvolvido um projeto para uma melhor sinalização dos pontos turísticos da cidade. Implantar mais placas dos pontos na cidade. O projeto não foi aberto no Ministério do turismo para que verbas e apoio fosse estabelecido de fato. Fizemos um esboço das áreas que precisam dessa estruturação, onde poderiam ser feitos e as vias de acesso que possibilitariam a implantação.
Superintendência de Trânsito e Transportes - STTP	<p>Dr^a Valéria Barros⁴- Há um ano, solicitaram a STTP auxílio na sinalização dos pontos turísticos em Campina Grande. A STTP solicitou que fizesse um levantamento, e diagnóstico do que existe dentro da cidade, mas até agora não existe nada. Pegar os principais corredores de tráfego e que fosse feito um macro dos corredores de acesso, para identificar os principais corredores que são utilizados. Ela falou que não achou barato, ela foi com a família. Foi ainda comentado que os ônibus de Curitiba não são todos no formato Jardineira (Possa ser que existam outros em operação). O plano de Mobilidade vai desde o pedestre até os transportes de grande cargas, e só poderei ter acesso daqui a dois meses.</p> <p>Aracy Brasil⁵- Foram feitas três reuniões que aproveitaram o projeto da STTP para a sinalização dos pontos turísticos de Campina Grande, que vai ser efetuado a partir de Janeiro. O projeto visa um transporte diferenciado para o turismo, com tarifas únicas dentro da cidade. Foi questionado se em Campina Grande existem turistas suficientes, já que a implantação desses ônibus possuem custos elevados. (Iniciativa privada). E existe um projeto para implantação de uma ciclovia turística, principalmente nessa área do centro. Tenho que conversar com a professora Aida Pontes – Arquitetura e Urbanismo (Facisa).</p>

Quadro 1: Elaborado com base nas falas obtidas em entrevista realizada. Criado por: LIMA, 2016

⁴ Com especialidade em Arquitetura e Urbanismo, é a atual Coordenadora do Plano de Mobilidade da cidade de Campina Grande. Sendo a primeira dirigente de trânsito a trabalhar na STTP;

⁵ Com especialidade em Engenharia de trânsito, é a gerente da STTP em Campina Grande, atuando na implementação das modificações planejadas para o trânsito da cidade de Campina Grande.

Se torna necessário entender qual a relevância dos locais selecionados para o uso turístico no centro da cidade, eles possuem características que os definem o quanto importantes são, coligados com sua historicidade, que desponta no surgimento de identidade por parte daqueles que fazem parte, vivem ou visitam a cidade, tendo em vista que de acordo com a importância de Campina Grande em seu contexto local, regional e nacional acaba fazendo com que haja uma dispersão do conhecimento sobre ela e assim atraia indivíduos para sua vivência. Estes são os pontos destacados no centro da cidade, como resultados do PIBIC, 2016.

Lugares	Importância e Característica
Parque do Povo	Possui uma área de 42 mil e 500 metros quadrados situada no centro de Campina Grande. Foi construído e inaugurado na administração de ex-prefeito Ronaldo Cunha Lima na década de 80. Local onde se realiza os eventos religiosos e de festejos culturais dentro da cidade, além de ser ponto de encontro de seguimentos da sociedade como, patinadores, ciclistas, motoqueiros, etc. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)
Parque da criança	Fundado em 1993, no Dia das Crianças , o Parque da Criança tem 6.700 m ² , com pista de 1 km pra caminhada, rampa de skate, parque com escorregas, balanços e outras estruturas para crianças, além de áreas gramadas, campos de futebol de areia, vôlei, quadras, pistas de bicicross. Sendo o principal local de caráter natural (área verde) dentro da cidade, é um espaço para a promoção da saúde e do lazer. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)
Estação Velha	A primeira estação ferroviária de Campina Grande foi inaugurada em 1907, pela companhia férrea inglesa Great Western, como intento do então prefeito Cristiano Lauritzen, transformando nossa cidade no terminal da linha. Seu primeiro trecho, entregue em 02 de Outubro de 1907, interligava Campina Grande à linha Recife-Natal. Até a década de 40, a Estação Velha, como é conhecida hoje, foi o ponto de destaque no desenvolvimento econômico e cultural campinense. O transporte de produtos para outros portos do Brasil produzia um tráfego intenso de novidades e riquezas que aportavam influência na vida dos habitantes da região. Local histórico de Campina Grande, foi a principal estação ferroviária da cidade no século XIX, e atualmente comporta o museu do algodão, produto que caracterizou o crescimento econômico, político e social da cidade. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)
Açude Novo	O Açude Novo foi construído em 1830 com o objetivo de abastecer a população de Campina de água potável devido às secas que assolavam a região. Ele foi o segundo construído na cidade. Em 1976, foi transformado em parque pelo então Prefeito Evaldo Cruz, que lhe deu o nome de Parque do Açude Novo. Após a sua morte, em 1985, a área de lazer passou a ser chamada de Parque Evaldo Cruz, uma homenagem póstuma a seu idealizador. Hoje é outra área verde da cidade, sendo representado por um obelisco, definido como marco zero urbano da cidade. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016).
Teatro Municipal Severino Cabral	O Teatro foi inaugurado no dia 30 de novembro de 1963, às 10 horas da manhã. Foi construído por Severino Bezerra Cabral, prefeito de Campina que lhe deu nome. Teve Austro de França Costa como engenheiro que projetou junto com seus colaboradores essa grande obra. No mesmo dia, apresentou-se o ator e humorista José Vasconcelos, bastante conhecido no rádio e da TV brasileira. Com a inauguração do Teatro Municipal, a região ganhou uma importante casa de espetáculos. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)
Praça Clementino Procópio	A Praça Clementino Procópio foi inaugurada no ano de 1936, como assim noticiou 'A União', em 04 de Fevereiro daquele ano: Uma das praças de Campina Grande, que remonta a história da cidade com seus monumentos, a exemplo, a homenagem efetuada a Teodósio de Oliveira Lêdo, conhecido como o fundador da cidade. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)

Praça da Bandeira	Construída em 1938 pelo prefeito Bento Figueiredo, com o nome original de Praça Índios Carirys. Na década de 1940, durante a reforma urbana do prefeito Wergniaud Wanderley, a Praça da Bandeira, assim como todo o centro de Campina Grande foi outra vez reformada ganhando o elegante estilo art-decor, com o lago em meia-lua e a famosa estátua “A Samaritana”, em art-decor legítimo, do artista Abelardo da Hora. Em 1985, no governo do prefeito Ronaldo Cunha Lima, a Praça da Bandeira, o famoso coração cívico e “caixa de ressonância” da cidade de Campina Grande, sofreu a sua maior reforma mudando totalmente seu aspecto arquitetônico: reforma total do piso, mudança de todos os bancos, retirada da estátua da Samaritana que nunca mais voltou, aterro do lago em meia-lua, construção de novos canteiros. Principal praça da cidade, é ponto de encontro de moradores. No ano de 2016 passou por uma nova reforma de revitalização e urbanização. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)
Rodoviária Antiga	Inaugurada na década de 1960, Estação Rodoviária Cristiano Lauritzen, idealizada na segunda gestão do prefeito Elpídio de Almeida. Através de contrato firmado com a empresa ENAC - Empresa Nacional de Mercados Ltda., em maio de 1958, deveria ser construída em uma área de 4.307m ² uma plataforma de embarque aliada a 140 boxes comerciais que, para os padrões da época, seria considerado um dos maiores centros comerciais do país. Considerada histórica, ainda é ponto de apoio para acesso a outros municípios do estado da Paraíba. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)
Museu Histórico-Geográfico de Campina Grande	Inicialmente sendo o local da cadeia pública da cidade, o museu histórico e geográfico de Campina Grande, também foi também o telégrafo da cidade. Inaugurado em 13 de janeiro de 1896, o telegrafo campinense oferecia um serviço precário e irregular. O sistema de cabos interligava apenas alguns pontos do Estado que por sua vez registrava poucas agências. O museu está localizado no centro da cidade, trazendo objetos, textos, produções artísticas, que foram preservados desde os primórdios da ocupação, criação e crescimento da cidade. (Retalhos Históricos de Campina Grande)
Catedral Nossa Senhora da Conceição	Primeira igreja católica que acompanha o crescimento da cidade desde os tropeiros da Borborema, é a igreja matriz da cidade. Segundo apresentado em seu site oficial “A Matriz era uma Igreja humilde e, talvez, uma das menores da Diocese de Olinda. Desta feita, em 1885, iniciou-se uma reforma por iniciativa do Vigário Sales cuja conclusão se deu apenas dois anos mais tarde, em 1887. Uma das torres da Matriz tem a parte superior sem agulha e diferente da torre do outro lado, dando a impressão de ser uma construção inacabada. Registrou-se que esta torre sem agulha foi propositalmente construída para nela serem hasteadas as bandeiras da Imaculada e dos Santos.” (Texto adaptado do site oficial da igreja, 2016)
Estátuas dos pioneiros da Borborema	Inaugurado no centenário de Campina Grande, no ano de 1964, o monumento 'Os Pioneiros da Borborema' virou ponto turístico do município. Instaladas às margens do Açude Velho, as estátuas foram trazidas do Rio de Janeiro e apresentam três figuras que ajudaram a criar a cidade. O índio representa o início de tudo. A catadora de algodão faz referência à 'Era de Ouro' de Campina Grande, quando o município se tornou o segundo maior exportador de algodão do mundo. E o tropeiro presta homenagem à vocação comerciária da cidade. (Portal G1 Paraíba)
Estátuas de Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga (Farra da Bodega)	O monumento Farra de Bodega homenageia dois ícones da música nordestina: Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga. A obra é do artista campinense Joás Pereira Passos e feita de bronze. Ela foi inaugurada em 2003 e fica localizada em um girador às margens do Açude Velho. Além das esculturas dos músicos, há também uma mesa, pratos, representação de comidas típicas e um banquinho, muito usado pelos turistas para fazer fotos. (Portal G1 Paraíba)
Museu de Arte Popular da Paraíba (Os 3 pandeiros)	Com arquitetura projetada pelo renomado Oscar Niemeyer, o MAPP, teve obras iniciadas no ano de 2009, com conclusão no ano de 2012. Sendo um novo elemento de embelezamento da cidade, o local é um ponto que reúne obras culturais e artísticas originárias de habitantes e artistas do estado da Paraíba. Tem o governo estadual e a Universidade Estadual de Campina Grande como principais gestores. Constituído por três pavilhões expositores circulares, dispostos em forma de triângulo, o Museu de Arte Popular da Paraíba (MAPP) foi implantado às margens do Açude Velho, cartão-postal de Campina Grande. (Texto adaptado, Arco Projeto, 2016).
Monumento dos Tropeiros da	O mais 'jovem' monumento de Campina Grande homenageia as 15 décadas de emancipação do município. Prometida para ser entregue em 11 de outubro de 2014, dia do sesquicentenário, as obras atrasaram e a inauguração entrou nas comemorações dos 151 anos. A obra homenageia

Borborema (150 anos de Campina Grande).	também os tropeiros, considerados responsáveis pelo progresso da cidade, e tem uma espécie de cápsula, onde serão expostos documentos sobre a história campinense, além da escultura de vários tropeiros saindo da cápsula, dando a ideia de desbravamento. O monumento foi orçado em R\$ 1,3 milhão e fica localizado às margens do Açude Velho. (Portal G1 Paraíba)
Açude Velho	Construído por causa de uma grande seca que abateu ferozmente o Nordeste entre os anos de 1824 e 1828, o açude só foi inaugurado em 1830. Erguido no leito do antigo "riacho das piabas", o açude serviu durante anos ao povo de Campina e da região do Compartimento da Borborema que usava de suas águas para diversos fins. Corpo Hídrico da cidade, é utilizado para atividades físicas e de contemplação devido a sua beleza paisagística. Emblemático cartão postal da cidade, reúne em seu entorno monumentos e edifícios modernos que diferenciam a cidade de Campina Grande das demais existentes. (Texto adaptado do blog: Rainha da Borborema, 2016)
Teatro Municipal Severino Cabral	O Teatro foi inaugurado no dia 30 de novembro de 1963, às 10 horas da manhã. Foi construído por Severino Bezerra Cabral, prefeito de Campina que lhe deu nome. Teve Austro de França Costa como engenheiro que projetou junto com seus colaboradores essa grande obra. No mesmo dia, apresentou-se o ator e humorista José Vasconcelos, bastante conhecido no rádio e da TV brasileira. Com a inauguração do Teatro Municipal, a região ganhou uma importante casa de espetáculos. Local de atrações artísticas-culturais. (Blog Retalhos Históricos de Campina Grande, 2016)

Quadro 2: Levantamento histórico-geográfico dos pontos turísticos do centro de Campina Grande; Elaborado por: LIMA, 2016.

Com um turismo desenvolvido em algumas partes do ano, Campina Grande possui um potencial turístico constatado através de pesquisas anteriores que relacionam sua história, estrutura urbana e utilização dos seus espaços como cidade. Sendo destaque dentro da mesorregião Agreste, do estado da Paraíba, a cidade ganha notoriedade devido o seu desenvolvimento na área industrial e de serviços, como também um considerável desenvolvimento na área cultural, promovido pelos megaeventos que acontecem nos meses de Junho e Julho (festa junina e festival de inverno) e Fevereiro (encontros religiosos) que possuem uma consolidação considerada, tendo em vista os diversos dados que são obtidos a cada realização, no que tange a influência destes no conhecimento de Campina Grande a nível nacional e internacional, como também para seu desenvolvimento econômico.

Mas, é nessa questão que se encontra a principal problemática acerca da sua caracterização turística, a concentração, centralidade e olhar dos gestores que são voltados à realização desses megaeventos, desprezando o que a cidade possui como potencial turístico para utilização do decorrer de todo um ano. Através desta pesquisa, pode-se constatar que Campina Grande possui diversos elementos que estão presentes na sua mancha urbana, que compõem e fazem parte da sua estrutura, tendo uma relevante importância na sua construção como cidade, são locais que contam a sua história, e que servem de contemplação por partes dos indivíduos que aqui chegam e moram ao efetuarem suas vivências e relações com a cidade.

Para a escala interurbana, são 18 pontos elencados que formam um “cinturão” de conhecimento, história e beleza dentro da cidade, com sua maioria localizados no centro da cidade, que ainda exerce a função de centro histórico e comercial principal da cidade. No entanto, tais locais ainda são pouco divulgados no contexto interurbano, fazendo com que os espaços sejam pouco procurados e utilizados de acordo com suas funções, que se caracterizam como turísticas.

Ao procurarmos os órgãos oficiais municipais que se encarregam de gerir a cidade quanto ao seu desenvolvimento turístico e móvel, sendo estes a Coordenadoria de Turismo, e a Superintendência de Trânsito e Transportes – STTP, foi constatado que projetos estão sendo preparados para que haja um alavancamento desse aspecto dentro da cidade, mas que ainda se encontram no papel, ficando em dependência do Ministério do Turismo para que sejam executados.

De acordo com as informações obtidas na pesquisa de campo, a cidade é bem vista pelos seus visitantes, e que de forma geral, ela já apresenta toda a estrutura essencial para a realização da atividade turística, tendo alguns pontos que ainda necessitam ser melhorados e aprimorados para este devido fim, a exemplo, uma melhor interligação dos pontos turísticos dentro da cidade, ou seja, a viabilização de um transporte que seja exclusivo nessa integração entre os locais e que possua exclusividade para esta determinada função (Mapa 3).

Mapa 3 – Roteiro turístico para o espaço intraurbano de Campina Grande.

FONTE: LIMA, 2016

É evidente que existem outros meios de transportes dentro da cidade que poderiam executar tal atividade, mas tendo em vista os diversos contrastes que se tornam presentes na vivência do urbano, a exemplo, os atos de violências que se encontram presentes nos transportes coletivos da cidade e a inviabilidade financeira de conhecer a cidade por Táxi ou moto táxi, a principal proposta de realização desta pesquisa era viabilizar a consolidação do espaço turístico de Campina Grande, a partir da inclusão do “sistemas jardineiras” de transportes coletivo, promovendo um roteiro turístico tanto em escala interurbano (Mapa 2), fazendo um roteiro turístico (city tour) entre os pontos selecionados dentro da cidade obtidos através de uma pesquisa já efetuada no ano de 2012 por MARQUES (2012) em seu projeto de iniciação científica. Ligando Campina Grande a cidades turísticas do seu entorno, como em escala inter-regional.

Para o jardineira interurbano, ou seja, que se configura em utilizar do que o espaço urbano campinense dispõe em termos turísticos, foram selecionados 18 pontos turísticos, levantados em pesquisas anteriores pelo Grupo em Desenvolvimento Socioterritorial – GIDS (MARQUES, 2012), tendo em vista que estes estão reunidos na área central da cidade, e possuem características históricas peculiares para a utilização em atividade turísticas, sendo portanto, estratégicos a consolidação da imagem urbana estruturada ao longo dos 152 anos de existência. O roteiro é viável, pois sua mobilidade está de acordo com a legislação de trânsito em vigência na cidade.

Entre os pontos mapeados, a feira central destacou-se por sua relevância e importância dentro da cidade, devido a sua característica singular em mostrar a cultura de Campina Grande. Nessa ligação histórica com o rural, percebemos que é destacado o Sítio São João, ponto turístico que se baseia no cenário de um antigo sítio do interior do estado, montado e aberto no período junino, e que ainda necessita de estímulos para que se torne algo recorrente no seu funcionamento dentro da cidade.

Constatou-se que para eles o visitante e o morador são vistos de forma diferenciada. O turista é visto como aquele que vem a trabalho, tendo em vista que este se utiliza da cidade como local turístico no momento em que está de folga, ou está descansando após o trabalho ao tempo em que o morador, por viver o cotidiano, não sente interesse em conhecer o que a cidade dispõe, motivado também pela falta de divulgação do que Campina Grande possui. Assim sendo, existe a apropriação do espaço sem a percepção da paisagem. Conhecer os locais seria algo que influenciaria na aprendizagem de como circular pelas vias da cidade.

Com 16 pontos turísticos destacados na pesquisa, o que mais sobressai em indicação e divulgação é o Açude-Velho, sendo este considerado um dos principais cartões postais de Campina Grande. Se a promoção do turismo destes locais for planejada de forma eficiente, tendo em vista que se esta enquadrar algum tipo de conscientização municipal sobre a importância destes locais em Campina Grande, reverterá na promoção do interesse pela cidade de Campina Grande, fazendo com que o conhecimento sobre a própria cidade se torne presente na vida dos cidadãos.

Outro aspecto que se destacou foi o entendimento de que a violência urbana existente na cidade e a consequente sensação de insegurança fundamenta a necessidade de implantação de um sistema que proporcionem o conforto e a tranquilidade necessária para que o visitante possa perceber os espaços e atrativos visitados.

Certamente, como um dos principais definidores e concretizadores de ideias, o planejamento torna-se fundamental para viabilização da proposta. A implantação do sistema *jardineiras* seria, portanto, fundamental a consolidação do turismo em Campina Grande. Como todo projeto, este deve ser planejado, analisado e verificado para que assim possa se materializar nas ruas da cidade. O marketing entra em destaque devido ao fato deste possuir o papel de “chamar atenção”, divulgar e dar visibilidade ao *jardineiras*. Outro ponto que deve ser considerado é a procura de parceiras com hotéis, restaurantes, pousadas para que o passeio se torne funcional, dando um suporte completo ao turista ou ao próprio morador caso esse se interesse pelas visitas distantes do *jardineiras*.

A visibilidade de Campina Grande quanto ao turismo, atualmente se configura na divulgação do São João local e dos megaeventos realizados no período do carnaval. Fazendo com que os outros pontos da cidade, que funcionam durante todo ano, sejam deixados de lado. Como afirma o entrevistado: “A cidade não é divulgada e estimulada quanto aos seus outros pontos de visitas”, afirmando que através da inovação, investimento em propaganda e parcerias com empresas privadas que se interessem pelo *jardineiras*, poderia reverter esses quadro. Portanto, com o planejamento, seus pontos ganhariam visibilidade e Campina Grande se tornaria uma cidade turística.

Percebemos então que na perspectiva daqueles que estão empenhados em dar funcionalidade a cidade de Campina em sua mobilidade e visibilização turística, a cidade

possui esse potencial que exploramos nesta pesquisa, e que o *jardineiras* seria mais algo que somaria a cidade quanto a exploração do turismo como atividade desenvolvimentista.

3.3 Análise do espaço turístico no centro de Campina Grande a partir do Inventário Turístico.

Como metodologia para o trabalho, foi constatada a necessidade de realização de um trabalho de campo, em prol da verificação atual, de como se encontra e como está estruturado os pontos turísticos que estão distribuídos pelo bairro Centro de Campina Grande. Realizado nos dias 18 e 20 de fevereiro do ano de 2017, no período da manhã (09:00 às 12:00), foi efetuado um passeio por ruas e proximidades dos pontos turísticos, com alguns estudantes do curso de Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, com o intuito de, através da interpretação da paisagem averiguar a situação atual desses locais.

No primeiro dia de realização da pesquisa, puderam ser visitados 9 locais que estavam inseridos no centro da cidade, muito mais correspondente a sua área comercial e nas proximidades da Avenida Marechal Floriano Peixoto, no segundo dia, foram visitados 6 lugares que se espacializam nas imediações do Açude Velho, totalizando 15 atrativos. a seguir podemos visualizar a localização espacial do lugares visitados , além de suas respectivas fotografias.

MAPA 4 – ESPACIALIZAÇÃO E FOTOGRAFIAS

Pontos Turísticos - Fotografias



Foto 12: Praça da Bandeira. FONTE: Andrade, 2017



Foto 13: Clementino Procópio. FONTE: Andrade, 2017



Foto 14: Museu Hist. Geográf. FONTE: Andrade, 2017



Foto 15: Igreja Matriz. FONTE: Andrade, 2017



Foto 16: Monumento dos Tropeiros. FONTE: Lima, 2017



Foto 17: Estação Velha. FONTE: Pereira, 2017



Foto 18: Açude Velho. FONTE: Lima, 2016



Foto 19: Açude Novo. FONTE: Andrade, 2017



Foto20: Rodoviária Antiga. FONTE: Lima, 2017



Foto21: Parque da Criança. FONTE: Andrade, 2017



Foto22: Largo das Boninas. FONTE: Lima, 2017



Foto23: MAAP. FONTE: Lima, 2016.



Foto24: Monumento Jackson do Pandeiro de Luiz Gonzaga. FONTE: Andrade, 2017

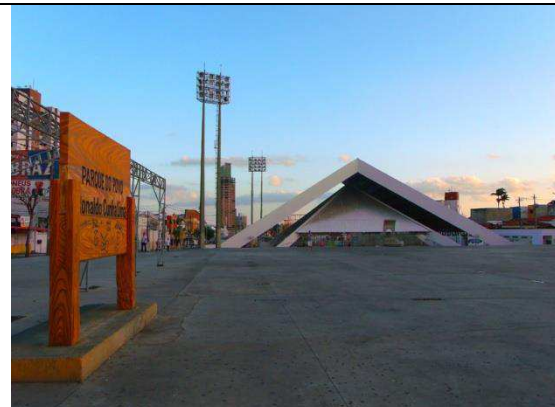


Foto25: Parque do Povo. FONTE: Google, 2017



Foto 26: Teatro Municipal Severino Cabral. FONTE: Google, 2017.

Quadro 3: Fotografia dos pontos turísticos: Autor: LIMA, 2017.

Inseridos no município de Campina Grande, constatou-se que para acesso a cidade, poderia ser possibilitado através de transportes terrestres, como ônibus, automóveis e motocicletas. Devido a sua influência regional, é perceptível toda a estruturação que Campina Grande possui para ser acessada, principalmente quem vem da região litorânea, lugar em que se encontra a capital do estado, João Pessoa, principal centro de atrativos turísticos inseridos dentro do estado. Em que o acesso ao município pode ser considerada bom e excelente, segundo preenchimento efetuado pelos estudantes.

Para compreensão dos termos a seguir, verificamos abaixo um quadro síntese dos locais visitados e suas respectivas características reais, segundo teorias proposta por BOULLÓN (2002) na caracterização do que se atribui a atividade turística.

TIPOS DE ESPAÇO TURÍSTICO (BOULLÓN, 2002)						
LOCAIS VISITADOS	Real	Potencial	Natural/ Adaptado	Artificial	Vital	Cultural
Açude Novo	X	X	X		X	
Praça Clementino Procópio	X	X		X		X
Praça da Bandeira	X			X		X
Museu Histórico Geográfico	X					X
Rodoviária Velha	X	X		X		X
Rua: Maciel Pinheiro	X	X		X		X
Largo das Boninas	X	X		X		X
Parque do Povo	X			X		X
Catedral	X	X		X		X
Estação Velha	X					X
Parque da Criança	X	X	X			X
Monumento Jackson do Pandeiro e Luiz Gonzaga	X	X				X
Monumento Tropeiros	X			X		X
Açude velho	X		X			X
MAPP	X	X		X		X
Teatro Municipal Severino Cabral	X			X		X

Quadro 4: Classificação adaptada de BOULLÓN (2002), pontos turísticos do centro de Campina Grande. FONTE: LIMA, 2017

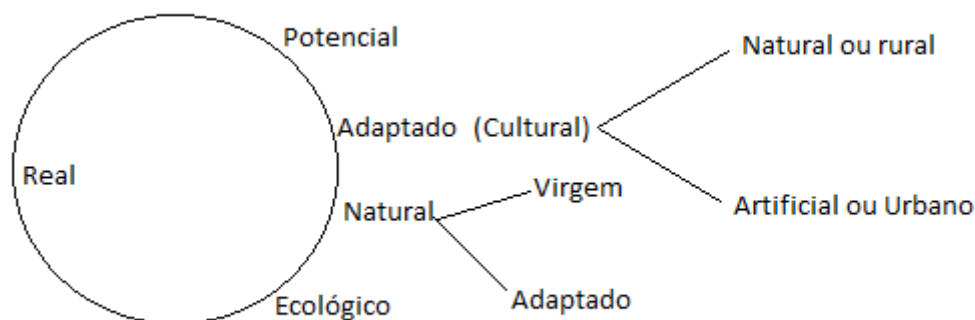


Figura 1: Tipologias do Espaço turístico (adaptado). FONTE: BOULLÓN, 2002.

Segundo a perspectiva apresentada por BOULLÓN (2002), que de forma dialética⁶, se concretiza, todos os 16 lugares visitados nos dias 18 e 20 de fevereiro de 2017, podem ser considerados espaços turísticos reais, pois “[...] refere-se a toda a superfície do nosso planeta e à camada da biosfera que o envolve, que podem ser percebidas pelo homem por meio dos sentidos. É real porque é possível comprovarmos sua existência e deslocarmos-nos por ele, e mesmo em muitos casos, modifica-lo”.

Para os que são potenciais, segundo BOULLÓN (2002), encontram-se “[...] na possibilidade de destinar o espaço real a algum uso diferente do atual; portanto, o espaço potencial não existe no presente, sua realidade pertence à imaginação dos planejadores, quando, depois do diagnóstico, ao passar para a parte propositiva do plano, estudam-se as possibilidades de uso de um território”. Ainda que a temporalidade do planejamento do uso dos espaços potenciais para o turismo, sejam futuros, é perceptível a utilização indireta que tais locais sofrem em Campina Grande, ainda mais quando não possuem um circuito de visitas integralizados, mas sempre partindo de interesse próprio dos visitantes em utilizá-los, visitá-los.

Ao analisar o quadro síntese, percebemos que no centro da cidade, existem poucas áreas naturais, sendo apenas três locais que ainda carregam tais características, sendo o Açude Velho, Açude Novo e o Parque da Criança. O primeiro formando um espelho d’água no centro da cidade, o segundo, após seca que assolou sua área, foi transformado em parque

⁶ É identificado a existência de uma ambiguidade no uso do termo Espaço Turístico Real, pois, o mesmo possui um significado duplo: Real por ser algo que existe e que está presente no espaço, ao mesmo tempo pelo fato de os mesmos serem utilizados para a atividade turística.

com características naturais (presença de árvores, que isolam o ruído dos carros) e o último, área verde da cidade, destinado ao lazer e atividades esportivas.

São categorizados na perspectiva de artificiais, pois, “[...] inclui aquela parte da crosta terrestre em que predomina todo tipo de artefatos construídos pelo homem. Sendo sua expressão máxima a cidade, também leva o nome de espaço urbano” (BOULLÓN, 2002). São ainda considerados vitais (na análise, encontra-se só o Açude Novo) pois, é um meio ambiente vital para os seres vivos, e por último, considerados culturais, caracterizados como “[...] aquela parte da crosta terrestre que, devido à ação do homem, teve modificada sua fisionomia original [...] consequência do trabalho do homem” (BOULLÓN, 2002).

Se para categorizar os lugares na hierarquia da atividade turística, torna-se necessário identificar quais tipos de espaço turísticos eles se inserem, podemos perceber que segundo o olhar dos estudantes pesquisadores, os locais visitados nesse trabalho conseguem se encaixar nessas categorias, fortalecendo assim sua interpretação, enquanto lugares a serem explorados e/ou utilizados enquanto turísticos.

O tipo de turismo que pode ser efetuado nesses locais, é o de caráter histórico cultural, ratificando assim, a ideia da influência de Campina Grande, enquanto cidade que remonta seus tempos antigos, como área de grande significado histórico dentro do estado da Paraíba, pois, a maioria dos elementos, objetos e monumentos, são antigos, datados dos primórdios de crescimento da cidade, e/ou atuais que rebuscam sua historicidade enquanto cidade importante para o estado e em si mesma.

Para que os pontos fossem explorados de forma relevante para a pesquisa, foi pedido que os estudantes contatassem os responsáveis pelos locais que estavam funcionando, fazendo perguntas de cunho quantitativo, neste caso, quais os tipos de visitantes que costumam frequentar tais locais, havendo então a predominância de visitantes locais e regionais, estabelecendo assim o caráter informativo desses pontos de forma interna ao estado da Paraíba.

Em pesquisas anteriores, foi constatado que a cidade torna-se mais procurada e conhecida nacionalmente e internacionalmente, devido os seus megaeventos, realizados em determinados períodos do ano, neste caso, o junino (Maior São João do Mundo) no mês de Junho a Julho, e os religiosos (Consciência Cristã, Crescer, Nova consciência - Ecumenismo,

MIEP – Espírita, entre outros) realizados no mês de fevereiro, concernente ao período de carnaval comemorado nesse mês. (MARQUES, 2012; LIMA, 2016)

Para que os locais sejam considerados turísticos, eles devem ter toda uma infraestrutura, para que sejam utilizados enquanto tal. Partindo desse pressuposto, foi efetuado um panorama geral das condições físico-estruturais de cada local visitado, com o objetivo de verificação de toda a dinâmica estrutural relevante para o uso, apropriação e consumo por parte do visitante. A análise estava baseada na análise de 8 aspectos, sendo estes: Sinalização dos locais, serviço de informações turísticas, equipamentos e serviços, folders, mapas, roteiros, alojamento, informação do recurso turístico.

Para a cidade, foi constatado, que a mesma ainda carece de infraestrutura que possibilite o visitante andar por si mesmo pelas ruas da cidade, através de placas autoexplicativas. Com condições que variam da escala de categoria “Boa” a “Inexistente”, é perceptível que ainda falta uma padronização e divulgação dos locais, a iniciar pela criação de um banco de informações turísticas em sua área central. Como podemos observar na fotografia abaixo, não foram encontradas tantas sinalizações que conduziam aos lugares tidos como turísticos.



FOTO 27: Placa de sinalização no Açude Velho. FONTE: Lima, 2017.

Partindo para a análise individual de cada recurso turístico encontrado no centro da cidade de Campina Grande, percebemos que em sua individualidade, existe toda uma estrutura que facilita sua utilização e conhecimento por parte do visitante. O acesso aos 16

recursos está em excelentes e boas condições, em que de forma terrestre podem ser acessados, sejam: a pé, de automóvel particular, táxi, ônibus público, moto táxi ou motocicleta. Porém, como pode ser observado e de acordo com as falas dos estudantes pesquisadores:

“O acesso pode ser efetuado a pé [...] levando em consideração que são moradores próximos dos pontos, ou pessoas hospedadas próximas aos locais” (SILVA, 2017)

“A ausência de informações sobre os espaços turísticos de Campina Grande dificulta a mobilidade dos turistas” (MILANEZ, 2017)

“Para a Rodoviária Velha [...] a rua é muito movimentada, por isso, o ideal é deixar o carro e a moto em um estacionamento e se deslocar a pé” (MILANEZ, 2017)

Todos os pontos são correlacionados com visita de cunho histórico-cultural, podendo ser acessado por todos diariamente, sem a necessidade de pagamento de taxa de ingresso, tendo em vista também, que a maioria dos pontos estão abertos em todas as partes do ano, todavia, com intervenção em suas mais variadas formas de apropriação e uso através dos megaeventos que acontecem na cidade, principalmente o parque do povo, que sedia o evento as festas comemorativas de São João em Junho, religioso em fevereiro, feirão de carros em partes do ano, workshops sobre moda, tecnologia, amantes de motocicletas (Motofest) em meses específicos do ano.

Sobre a Infraestrutura essencial para a utilização dos espaços, é perceptível a presença de água encanada, luz, telefone, esgotamento sanitário, ausência de vetores, ruas asfaltadas, sendo estas características, concernente a dentro e fora dos recursos visitados. Sobre as atividades que podem ser desenvolvidas entre um recurso e outro, destaca-se a caminhada, tendo em vista a proximidades dos locais, favorecendo um tour turístico a pé, ou como proposto na parte anterior a este tópico, o ônibus turístico jardineira. E, para o Açude Velho, a prática de esportes, do tipo ciclismo e caminhada.

Quanto ao regionalismo efetuados, destacam-se a mostra de artesanato e atividade religiosa, além de atividades relativas a passeios, estudos e investigações, e, tomada de fotos e/ou filmagens. Para atividades complementares, percebemos a ênfase por parte dos pesquisadores, na exploração do artesanato, feiras culturais, festivais que podem ser efetuados dentro do espaço central da cidade de Campina Grande. Os conflitos de uso, se relacionam com, o tráfego intenso de automóveis na região central, a problemática

envolvendo a segurança física dos indivíduos, e a não divulgação dos locais, que acabam sendo esquecidos e não utilizados.

Para que a atividade turística se torne real, e gradativamente se consolide enquanto símbolo dentro do centro de Campina Grande, e até em toda sua extensão urbana, é necessário que haja uma infraestrutura, conforme apontado por SOUZA (2016) [...] A infraestrutura turística só existe no seu nível de localização interna uma vez que fora deste já se confunde com a multiplicidade de uso, ou seja, não poderíamos afirmar que esta seria exclusivamente para o turismo como é o caso das redes urbanas de cidades tradicionais que dentre as múltiplas funções, existe a turística.

Deve, primordialmente, existir uma estrutura interna dos locais, para apropriação uso e consumo por partes dos turistas, mas não como consequência uma infraestrutura externa, pois o externo é relativo a cidade, o seu funcionamento e apropriação por parte dos que aqui vivem, ela deve ser estruturada de forma natural para o uso dos cidadãos. Todo o aporte que ela pode oferecer complementa e facilita na divulgação de seus atrativos turísticos.

Tendo em base tudo isso exposto, é necessário que exista toda uma superestrutura para o funcionamento do espaço turístico.

A superestrutura turística compreende todos os organismos especializados, tanto públicos como da iniciativa privada, encarregados de otimizar e modificar, quando necessário, o funcionamento de cada uma das partes que integram o sistema, bem como harmonizar suas relações para facilitar a produção e a venda dos múltiplos e díspares serviços que compõem o produto turístico. (BOULLÓN, 2002)

Se no centro de Campina Grande, existem os atrativos turísticos reais e potenciais para a visita turística, também percebemos que as estruturas básicas, adequadas e necessárias para que haja uma fluidez sem preocupações nas visitas efetuadas, existem. Hospitais, leitos de hotéis, tráfego rápido (em determinados horários), agências de turismo, ligação entre cada ponto, restaurantes, entre outros já estão presentes na cidade e em seu centro. Para um melhor aproveitamento de todo seu potencial, haveria de existir uma preocupação maior com as sinalizações, quase que escassa, em seu bairro central, como também um banco de informações para o turista e o visitante. Assim, Campina Grande, consolidaria seu espaço turístico.

Se a tecnologia nos últimos tempos, algo que tem agregado valor a todos os empreendimentos e grandes investimentos, que no lugar ganham suas formas, podemos perceber a atuação das jogadas de marketing, que possui o papel de dar a devida visibilidade ao produto ou lugar em que se anseia o seu consumo. Para este caso, poderíamos atrelar os aplicativos para as diversas plataformas tecnológicas, que trariam algo a mais para a produção do espaço de Campina Grande.

Para este caso, o uso da realidade aumentada ⁷que já adquiriu destaque no mundo inteiro, pelo modo de interagir entre o mundo real e o virtual. Para tal, foi desenvolvido o aplicativo que traz em si, a divulgação dos pontos turísticos de Campina Grande em três dimensões – 3D, “saltando” da tela dos smartphones, dispositivo presente na vida social na contemporaneidade. Para o protótipo, temos o ponto turístico da “Estação Velha” que pode ser visualizado através de um aplicativo para Android, juntamente com uma “tag” presente em um folder informativo. O turista teria a possibilidade de visualizar os locais, sem ao menos ter contato com eles.

Inovar no modo em que os espaços turísticos são apresentados, pode acarretar em diversas contribuições no seu modo de ser apropriado e divulgado por aqueles que o gerem e também o utilizam, o desenvolvimento de tecnologias assistidas tem proporcionado uma nova maneira de interação do virtual com o real. A atividade turística passa a ser mais lúdica e interativa.

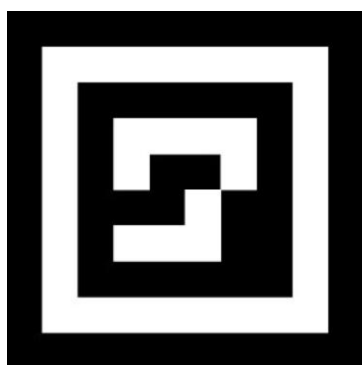


Figura 2: Tag para leitura de Realidade Aumentada FOTO 28: Estação Velha em RA. Fonte: Lima, 2017.

⁷ Realidade Aumentada: Sistema que combina elementos virtuais com o ambiente real, proporcionando interatividade humana com a máquina, baseada no processamento em tempo real concebida em três dimensões (3D).

De certo que isto é possível fazer sem nenhuma onerosidade, pois os recursos financeiros e humanos já existem. É uma questão apenas de vontade administrativa e de uma ação política voltada para o resgate da história da cidade. A preservação de nossos monumentos virá a propiciar inclusive a formação de roteiros turísticos, implementando mais uma atividade cultural destinada a todos aqueles que nos visitam. (Publicado no Jornal da Paraíba em 06.09.2005. SOUZA, 2013)

É necessário que haja os devidos esforços para que o centro de Campina Grande seja fortalecido enquanto área de visitação turística, assim como afirma o cronista que acima fora citado, existe a possibilidade do aproveitamento dos lugares, e a criação de um roteiro turístico para a cidade, para aproveitamento e uso tanto, daqueles que nos visitam como dos seus próprios moradores, se aportando no planejamento e nos devidos cuidados que regimentam as leis de produção do espaço turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se houver uma consonância entre o público e o privado, cada um relativo a seus interesses enquanto objetivo de alavancar a cidade como turística, a começar de sua área central, como observado neste trabalho, sendo esta a principal área que possui potencial e real características para o uso turístico, existirá a possibilidade de firmar Campina Grande como mais um local de visitação dentro do estado da Paraíba, durante todo o ano. E assim, de acordo com a demanda, o seu planejamento ser efetuado de forma intensa, para que haja retornos reais para a economia, preservação histórica e divulgação da cidade.

Transformação já tem sido efetuadas, a começar pela Praça da Bandeira, recentemente reformada, a criação de pontos ao redor do Açude Velho, como o Museu de Arte Popular da Paraíba – MAPP criado e arquitetado por Oscar Niemeyer, além do Monumento aos 150 anos de Campina Grande, em que será utilizado como museu digital da cidade. Tais transformações supervalorizam esses espaços, refletido no que podemos perceber: O intenso processo de verticalização ao redor do Açude Velho, dando a este uma paisagem peculiar entre o antigo e o moderno.

Se por esta pesquisa, houve a constatação de que Campina Grande, em seu centro da cidade, possui atrativos turísticos suficientes para motivar uma visita por parte daqueles que vem a cidade, ao mesmo tempo, há uma preocupação pela falta de estruturas que a definam enquanto espaço turístico consolidado, neste caso, a falta de sinalização e a ausência de um banco de informações turísticas em seu espaço central.

Para isso, fica o desafio da articulação de todos os atores envolvidos na produção do espaço turístico do centro de Campina Grande, como também de toda a cidade, para que de fato ela ganhe destaque como um mais um centro turístico do estado da Paraíba.

Finalmente, assevera-se que se bem articulado, planejado e pensado, o turismo pode acarretar, não só o desenvolvimento econômico, mas, a preservação da identidade do campinense e sua relação com a cidade, a preservação dos seus marcos históricos, e por último, a propagação do conhecimento sobre si mesma, tanto na vida dos seus habitantes, quanto na vida daqueles que as visitam. Se os gestores e os atores sociais que dão vida a cidade se articularem num tripé, baseado em pesquisa, planejamento e ação, Campina Grande tem de tudo para consolidar seu espaço turístico.

As tecnologias estão prontas para serem articuladas para interesses que anseiam um determinado fim, as plataformas digitais estão cada vez mais acessíveis. Os aplicativos

tornaram-se parte da vida das pessoas através dos smartphones que elas possuem. A realidade virtual aproxima as pessoas do objeto. Por isso, é necessário saber se utilizar de tudo o que pode agregar conhecimento e valor ao que se planeja e o que se espera. Se bem conduzido, Campina Grande tem a ganhar significativamente com seu espaço turístico.

Como geógrafo, poder verificar as realidades concernentes ao que está a nossa volta, nos proporciona um melhor direcionamento para o entendimento do que foi realizado através desta pesquisa. Tendo por base, que o turismo não se torna uma atividade qualquer, mas que possui em si a complexidade de se articular enquanto algo que se utiliza do espaço para o seu funcionamento, ratifica o quanto é necessário que cada vez mais, as atividades humanas existentes sejam verificadas e apuradas por um olhar do geógrafo, seja no seu modo de promover maneiras de compreensão do que se apresenta, como também no seu modo de sugerir na parte do planejamento o que melhor pode ser desenvolvido e concretizado.

Esta pesquisa traz consigo os meios que os gestores da cidade de Campina Grande, podem percorrer para desenvolver e consolidar o espaço central ou urbano da cidade para a atividade turística. O real existe, o potencial desponta a cada atividade desenvolvido dentro da cidade, cabe aos gestores darem a devida importância para assim desenvolver a cidade e melhor aproveitá-la.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABBAGNANO, NICOLA. **DICIONÁRIO DE FILOSOFIA**. São Paulo, WMF Martins Fontes, 2012, 6ª Edição.
- BARRETO, Rogério. **O centro e a centralidade urbana – aproximações teóricas a um espaço em mutação**. Porto. FLUP, 2010.
- BOULLÓN, R. **Planejamento do espaço turístico**. Tradução de Josely Vianna Baptista. São Paulo: EDUSC, 2002. 278p. (Coleção Turis). **CAMPINA GRANDE, 2000**. Prefeitura Municipal de Campina Grande, Gráfica Municipal, 1999.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Monumentos, Política e Espaço**. *Scripta Nova*. . 21.741-98 Vol. IX, núm. 183, 15 de febrero de 2005.
- DIAS, Reinaldo. **Planejamento do Turismo: Política e Desenvolvimento do Turismo no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2008, 226 p
- FEIRA CENTRAL. **Blog Retalhos Históricos de Campina Grande**. Disponível em: <<http://cgretalhos.blogspot.com.br/2010/05/feira-central-o-coracao-de-campina.html#.WK-PV1UrLIU>> Acesso em 18 de janeiro de 2017.
- GASPAR, J. M. B. **A centralidade da geografia: dos conceitos às práticas**. Geosp – Espaço e Tempo (Online), v. 19, n. 2, p. 183-195, ago. 2015. ISSN 2179-0892.
- GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais**. Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v. 35, n.3, p. 20-29 M. Mai/Jun, 1995.
- GLUSZEVICZ, Ana Cristina; MARTINS, Solismar Fraga. **Conceito de Centralidade Urbana: Estudo no Município de Pelotas, RS**. SEURB, Paraná, 2016.
- IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Banco de dados. 2010. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=3153&z=t&o=25&i=P>. Acesso em 05 de janeiro de 2014.
- LEFEBVRE, Henri. **A Revolução urbana**. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 178p
- _____, Henri. The production of space. Translated by Donald Nicholson-Smith. Blackwell: Massachusetts, 1991.
- _____, Henri. **O direito à cidade**. Tradução de Rubens Eduardo Frias – São Paulo: Centauro, 2001.
- LIMA, Yury Araújo de. **A adoção do “sistema jardineiras” como alternativa a consolidação do espaço turístico de Campina Grande**. Relatório PIBIC, 2016. Propex/UFCG, 2016.
- MARQUES, Jordânia Alyne Santos. **Análise sobre os obstáculos e potencialidades no uso do turismo como alternativa econômica para Campina Grande**. Relatório PIVIC, 2012. Propex/UFCG, 2012.

PEREIRA, Martha Priscila Bezerra. **Trabalho de Campo na Geografia; Desafios Práticos e Teóricos no Estado da Paraíba**. Paraíba, pluralidades e representações geográficas. Campina Grande. EDUFPG, 2015. p. 209-221.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2006.

SILVA, A.B; Gutierrez, H. E. P; GALVÃO, J.C.; **Paraíba: Pluralidades e representações geográficas**. Campina Grande: EDUFPG: 2015.

SOUSA, Ailton Elisiário de. **Reminiscências Campinenses (Crônicas)** Campina Grande: Latus, 2013.

SOUZA JÚNIOR, Xisto Serafim de Santana de. **A Participação dos movimentos sociais urbanos na produção do espaço de João Pessoa-PB**. Tese (Doutorado em Geografia) - Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente: SP, 2008, 338p.

SOUZA, M. L. Os conceitos de planejamento urbano e gestão urbana. In_____ (org). *Mudar a cidade: Uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. Pg. 45-54.

_____, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 2a ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2015. 320pg.

SPOSITO, Eliseu Saverio. **Redes e Cidades**. São Paulo: UNESP, 2008.

YÁZIGI, Eduardo. **A alma do lugar: turismo planejamento e cotidiano em litorais e montanhas**. 2 edição. São Paulo: Contexto, 2001, 301p.

APÊNDICE

Universidade Federal de Campina Grande
Centro de Humanidades
Unidade acadêmica de geografia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO⁸

**A INFLUÊNCIA DA REESTRUTURAÇÃO DO CENTRO DE CAMPINA GRANDE NA
CONSOLIDAÇÃO DO SEU ESPAÇO TURÍSTICO**

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado, o qual corresponde a um trabalho de Conclusão de Curso – TCC, na modalidade monografia. . O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, profissão _____, residente e domiciliado na _____, portador da cédula de identidade (RG) _____, e inscrito no CPF/MF _____, nascido(a) em ____/____/____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “*A influência da reestruturação do centro de Campina Grande na consolidação do seu espaço turístico*”.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas, estando ciente que:

Identificar.

- I) A participação neste projeto não tem objetivo de denegrir minha imagem sendo o destino das informações por mim fornecidas utilizados para fins acadêmicos como publicações e apresentações em eventos científicos;
- II) Estou ciente do procedimento metodológico adotado nesta pesquisa e, em caso de dúvidas quanto a finalidade do mesmo, tenho todo o direito e autonomia de não autorizar o uso das informações fornecidas;
- III) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- IV) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico;
- V) Os resultados obtidos durante este ensaio serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em atividades científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados, exceto quando for por mim devidamente autorizado;
- VI) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa através de arquivo digital fornecido pelo pesquisador.
 Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
 Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- VII) Autorizo o uso de gravador na condição do áudio ou a transcrição do conteúdo não seja utilizado para finalidades que não sejam acadêmicas, exceto quando o pesquisador solicitar a minha aprovação pessoal;
- VIII) Com relação a captura de imagem através de filmadora ou outro instrumento similar:

⁸ Termo utilizado para utilização futura do dados obtidos pelos alunos voluntários na execução do levantamento do centro de Campina Grande, através da Ficha de Inventário Turístico.

- Não autorizo
 Autorizo na condição de que o material não seja de domínio público;
 Autorizo sem restrições
- IX) Com relação a captura de imagem através de máquina fotográfica ou outro instrumento similar:
- Não autorizo
 Autorizo na condição de que o material utilizado seja normatizado segundo as orientações da ABNT e que não exista indicação do meu nome, excerto quando for por mim devidamente permitido;
 Autorizo sem restrições.
- XI – o desenvolvimento das atividades não sujeitará ônus financeiro ao sujeito pesquisado;
- XII – o sujeito pesquisado será ainda esclarecido sobre: a) a justificativa da pesquisa; b) possíveis desconfortos, riscos e benefícios e c) recebimento de uma via impressa deste termo de compromisso.
- XIII Caso me sinta prejudicado (a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao CEP/HUAC, do Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos do Hospital Universitário Alcides Carneiro.

Campina Grande, de de 2015

Sujeito pesquisado:.....

	TESTEMUNHA 1	TESTEMUNHA 2
NOME		
RG		
TELEFONE		

Responsável pelo Projeto: _____

Prof. Dr. Xisto Serafim de Santana de Souza Júnior, Matrícula SIAPE 1770425

Universidade Federal de Campina Grande
 Unidade Acadêmica de Geografia
 Rua Aprígio Veloso, 882, Cidade Universitária
 Campina Grande-PB, 58429-140

Telefone para contato: 83. 2101-1277/ xtojunio@yahoo.com.br

CEP/ HUAC - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n, São José.
Campina Grande- PB. Telefone: (83) 2101-5545.2

FICHA DE INVENTÁRIO TURÍSTICO (juntar com fotos e mapas)

MUNICÍPIO: _____;

INVENTARISTA: _____ No: _____

LOCALIZAÇÃO:							
MESORREGIÃO		MICRORREGIÃO		ALTITUDE			
MARCO		LATITUDE		LONGITUDE			
ACESSO AO MUNICÍPIO:							
	EXCELENTE		BOA		REGULAR		RUIM
				MELHORES MEIOS DE TRANSPORTE:			
OBS:							
3 PRINCIPAIS LUGARES A VISITAR:							
TIPO DE ESPAÇO TURÍSTICO:							
	REAL		POTENCIAL		NATURAL/ADAP-TADO		ARTIFICIAL
							VITAL
							CULTURAL
TIPO TURISMO:							
	LITORÂNEO			RURAL/AGROTURISMO		ECOLÓGICO/ ECOTURISMO	
	HISTÓRICO/CULTURAL			NEGÓCIO/EVENTOS		PARQUES TEMÁTICOS/ RESORTS	
TIPO DE VISITANTE:							
	ESTRANGEIRO		NACIONAL		REGIONAL		LOCAL
PERÍODO							
INFRA-ESTRUTURA TURÍSTICA:							
TIPO	EXCELENTE	BOA	REGULAR	RUIM	INEXISTENTE		
SINALIZAÇÃO							
SERV. INF. TUR.							
EQUIP. E SERV.							
FOLDERES							
MAPAS							
ROTEIROS							
ALOJAMENTO							
INF. DO REC. TUR.							

RECURSO TURÍSTICO: _____

LOCALIZAÇÃO:							
LATITUDE		LONGITUDE		ALTITUDE			
RUA		No		COMPL.			
TELEF.		E-MAIL CONTATO (NOME DO USUÁRIO)					
CLASSE (CENTRAL/COMPLEMENTAR):							
HIERARQUIA NO MUNICÍPIO:							
CARACTERÍSTICA DESCRITIVA (incluir imagens):							
ACESSO AO RECURSO:					MELHORES MEIOS DE TRANSPORTE:		
	EXCELENTE		BOA		REGULAR		RUIM
OBS:							
TERRESTRE			AÉREO		MARÍTIMO		LACUSTRE/FLUVIAL
	A Cavalo		Caminhonete		Avião		Barco
	A pé		Combe/Van		Helicóptero		Bote

Automóvel particular		Microônibus		Avião particular		Iate		Balsa
Táxi		Mototaxi		Outro		Outro		Lancha
Ônibus turístico		Moto						
Ônibus público		Outro:						
OBS.:								
TIPO DE ESPAÇO TURÍSTICO:								
REAL	POTENCIAL	NATURAL/ADAPTADO		ARTIFICIAL		VITAL		CULTURAL
TIPO TURISMO:								
LITORÂNEO			RURAL/AGROTURISMO			ECOLÓGICO/ ECOTURISMO		
HISTÓRICO/CULTURAL			NEGÓCIO/EVENTOS			PARQUES TEMÁTICOS/ RESORTS		
TIPO DE VISITANTE:								
ESTRANGEIRO		NACIONAL		REGIONAL		LOCAL		
PERÍODO								
Diário		Apenas dias úteis		Períodos do ano específico				
TIPO DE INGRESSO								
LIVRE		SEMI-RESTRITO (VIA AUTORIZ)			VIA TICKET/ BOLETO		OUTRO:	
ÉPOCA PROPÍCIA A VISITA DO RECURSO:								
O ANO INTEIRO		ESPORÁDICO (MESES):			FINAIS DE SEMANA:		FERIADOS (QUAIS):	
INFRA-ESTRUTURA:								
DENTRO DO RECURSO					FORA DO RECURSO:			
Água		Esgotamento sanitário			Água		Esgotamento sanitário	
Luz		Ausência de vetores			Luz		Ausência de vetores	
Telefone		Wi-fi			Telefone		Wi-fi	
Sinalização		Rua asfaltada			Sinalização		Rua asfaltada	
Banheiros		Informativo turístico			Banheiros		Informativo turístico	
ATIVIDADE DESENVOLVIDA DENTRO DO RECURSO:								
NATUREZA/Observações		ESPORTE/AVENTURA						
fauna		Asa delta			Canoagem		Motocross	
flora		Caminhada			Esqui-aquático		surf	
relevo		Ciclismo			Caiaque		Windsurf (vela)	
recurso hídrico		Camping			Motonáutica		Pesca desportiva	
Outro:		Escalada na rocha			Natação		Outro:	
REGIONALISMO		PASSEIOS				OUTROS		
Atividade religiosa		Bote		Iate		Atividades culturais/sociais		
Degustação pratos regionais		Canoagem		Excursões		Feira de artesanato		
Rituais místicos		Lancha		Sobrevoo		Estudos e investigações		
Mostra de artesanato		Carroça		Pesca submarina		Tomada de fotos/ filmagem		
Outro:		Pedalinho		Outro		Outro:		
ATIVIDADE COMPLEMENTAR:								
CONFLITOS DE USO:								

FAZER CROQUI DO RECURSO: